



Carlos Vinícius da Silva Taveira

**Em busca de uma nova miragem:
Panorama literário no Brasil da
década de 1870**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de pós
graduação em História Social da Cultura da
PUC-Rio como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em História

Orientador: Antônio Edmílson M. Rodrigues

Rio de Janeiro
Abril de 2012



Carlos Vinícius da Silva Taveira

**Em busca de uma nova miragem:
Panorama literário no Brasil da
década de 1870**

Dissertação apresentada ao Programa
de pós graduação em História Social da
Cultura da PUC-Rio como requisito
parcial para obtenção do título de
Mestre em História

Prof. Antônio Edmilson Martins Rodrigues

Orientador
Departamento de História – PUC-Rio

Profª Flávia Maria Schlee Eyler

Departamento de História – PUC-Rio

Profª Sylvia Regina Bastos Nemer

Departamento de História – UERJ

Profª Mônica Herz

Vice-Decana de Pós-Graduação do Centro de Ciências Sociais
PUC-Rio

Rio de Janeiro, 30 de julho de 2012.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Carlos Vinicius da Silva Taveira

Graduou-se em História (PUC-Rio) em 2009. Cursou mestrado em História na PUC-Rio 2012

Ficha Catalográfica

Taveira, Carlos Vinicius da Silva

Em busca de uma nova miragem: panorama literário no Brasil da década de 1870 / Carlos Vinicius da Silva Taveira ; orientador: Antonio Edmilson Martins Rodrigues. – 2012.
83 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2012.

Inclui bibliografia

1. História – Teses. 2. História social da cultura. 3. Historiografia. 4. Literatura. I. Rodrigues, Antonio Edmilson Martins. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

A memória de um grande Amigo
Armando Cosme Aguiar

Agradecimentos

Ao se tingir um grande objetivo na vida é necessário que saibamos reconhecer as pessoas e instituições que possibilitaram a travessia de um longo caminho rumo à realização de um sonho. Agradeço primeiramente a meu orientador e amigo Antônio Edmilson Martins Rodrigues pela orientação e também pelas inúmeras sugestões de pensamento sobre a vida.

Aos professores do Departamento de História da PUC-Rio, pelos ótimos momentos em sala de aula e pelo conhecimento que ficará marcado para sempre em minha vida.

Ao corpo discente da turma de mestrandos de 2010 pelos inesquecíveis momentos de descontração e de troca de ideias e reflexões sobre os mais variados temas da história e da vida.

Aos funcionários do Departamento de História da PUC-Rio, sempre dispostos e atenciosos a ajudarem no que puderem e verdadeiros amigos das quais nunca esquecerei. Aos funcionários da biblioteca da PUC-Rio, sempre solícitos aos nossos mais variados pedidos.

Agradeço a minha família que a sua maneira forneceu apoio necessário para a realização desse trabalho.

A CAPES pela bolsa que possibilitou a realização desse trabalho.

Aos amigos de longa data, e espero que também de longo futuro do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IERJ).

Aos atuais amigos presentes na graduação em história da PUC-Rio.

A minha querida irmã Márcia Silvania S. Taveira

A memória de Armando Aguiar Cosme, um grande amigo que infelizmente nós deixou bem cedo.

Agradeço a memória da minha falecida mãe que um dia com um conselho simples deixou clara a possibilidade de se ser autor do seu próprio destino.

Resumo

Taveira, Carlos Vinicius da Silva. Rodrigues, Antônio Edmílson Martins
Em busca de uma nova miragem: panorama literário no Brasil da década de 1870 . Rio de Janeiro, 2012. 83p. Dissertação de Mestrado - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação busca realizar uma análise do romance *Os retirantes* de José do Patrocínio tendo como critério principal a relação entre cultura e literatura em um contexto de transição da ideia de realidade. A obra foi publicada em 1879 em forma de folhetim no jornal Gazeta de notícias e teve como inspiração uma cobertura jornalística realizada por Patrocínio da seca que atingiu à província do Ceará no ano de 1878. Dito isto, argumenta-se como o autor cria uma narrativa incorporando elementos históricos e imaginários em uma obra de ficção que apresenta traços remanescentes do romantismo, mas que também apresenta inovações em aspectos como da representação da natureza e na construção dos personagens.

Palavras-Chave

Historiografia; literatura; História.

Abstract

Taveira, Carlos Vinicius da Silva. Rodrigues, Antônio Edmilson Martins (Advisor). **In search of a new mirage: Literary Panorama in Brazil in the 1870s**. Rio de Janeiro, 2012. 83p. MSc. Dissertation - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation searches to carry through an analysis of the romance *Os retirantes* of José do Patrocínio having as main criterion the relation between culture and literature in a context of transistion of the reality idea. The workmanship was published in 1879 in serial form in the periodical *Gazeta de noticias* and had as inspiration a journalistic covering carried through by Patrocínio of dries that it reached the province of the Ceará in the year of 1878. Said this, it is argued as the author creates a narrative incorporating historical and imaginary elements in a fiction workmanship that presents traces of the romantismo, but that also it presents innovations in aspects as of the representation of the nature and in the construction of the personages.

Keywords

Historiography; Literature; History.

Sumário

1.	Introdução	10
2.	“ A cidade na narrativa, a narrativa na cidade “	
2.1	A cidade	15
2.2	As cidades fictícias	21
2.3	A cidade do Rio de Janeiro	25
2.3	Entre a vida e a escrita	32
3.	“Literatura no Brasil”	
3.1	Apresentação	41
3.2	Escritores e a vida no Rio de Janeiro.	47
3.3	Geração de 1870 e José do Patrocínio	51
4.	“Viagem e escrita”	
4.1	Apresentação	59
4.2	Os retirantes	66
5.	Conclusão	78
6.	Bibliografia	80

“Como se fosse fácil matar o tempo sem ferir a eternidade ”
Henry Thoreau

1

Introdução

Poucos meses antes de sua morte o grande nome da abolição da escravidão José Carlos do Patrocínio se lembraria fielmente das impressões deixadas pela viagem à província do Ceará realizada em 1878 para a cobertura do grande período de seca e publicaria em artigo as seguintes palavras “Durante longos anos não pude ouvir falar da seca do norte sem comover-me. Felizmente passou. O tempo é um sedativo”¹. Nas matérias jornalísticas enviadas ao Rio de Janeiro e posteriormente nas palavras deixadas em seu romance *Os retirantes*, é demonstrado o resultado da seca nordestina como um quadro de catástrofe humanitária que deixariam marcas para sempre na alma do escritor e também na de seus leitores.

A chegada dos primeiros migrantes fugidos da seca ao Rio do Janeiro em condições de saúde degradantes, causaria a primeira impressão negativa da seca no autor. Consequentemente, mais tarde, esta seria ampliada com o contato com a realidade das províncias do norte, hoje região nordeste, sobretudo com a situação de Fortaleza que segundo estimativas já havia recebido cerca de duzentos mil flagelados oriundos do interior do estado.

É nesse contexto de desolação e da mais pura ausência de esperança por parte dos flagelados da seca que nasce o romance *Os retirantes*. A essência do livro pode ser considerada como uma tentativa de dar voz ao grupo de homens e mulheres que tiveram de deixar tudo o que possuíam, e arriscar suas vidas rumo ao mais completo desconhecido. Era também uma forma, mediante o uso da literatura, de conclamar os leitores a efetuarem uma reflexão sobre a realidade do estava ocorrendo no país.

Partindo disso, José do Patrocínio cria uma trama que procura discutir os problemas da seca sem deixar de lado o sofrimento da população, e de outro, as causas humanas que aumentariam esses males. O próprio título do livro dá nome ao grupo que tem por função básica à ação de “se retirar”, ou seja, excluídos de uma determinada realidade, da qual, fogem apostando no encontro de uma nova

1 PATROCINIO, J. *Minha vida*. Jornal A noticia: Rio de Janeiro. 4/04/1904. pág 4.

oportunidade de viver. Mediante o uso de personagens construídos cuidadosamente, toda uma problemática é criada para se pensar não somente o que estava ocorrendo na região norte, mas também as ações políticas do Estado brasileiro que tinha sua sede a quilômetros de distância do cenário central da tragédia.

Dito isto, o objetivo desse trabalho é investigar justamente o romance *Os retirantes*, do seu ponto de vista interno e do seu contexto externo de produção. O estudo da obra é significativo por estar num limiar da vida de José do Patrocínio. Sua data de publicação no ano de 1879 significa o coroamento de quase uma década da sua chegada ao Rio de Janeiro, onde ocorreriam inúmeras conquistas e derrotas pessoais. De outro lado, após o livro estava aberta a passagem rumo ao aparecimento da personagem histórico do abolicionismo, pela qual, ficaria imortalizado para sempre nas páginas dos livros de história.

Para trabalhar com todo esse material, o caminho utilizado é o uso de todo um aparato disponibilizado pelo estudo da história das mentalidades e também da história das ideias². Como uma fronteira básica de separação entre ambas, trata-se de estabelecer a primeira, como forma de pensar a circulação social das ideias, enquanto a segunda, como um estudo da produção da ideia pelo sujeito. Uma ideia pode ser obtida através de diversas formas de leitura do mundo, e pode ser transformada e conseqüentemente circular sob um aspecto diferenciado através dos mais diversos meios.

De temperamento forte e sempre pronto para uma nova batalha, José do Patrocínio possuía tanto uma capacidade retórica peculiar de falar em público, capaz de persuadir variadas plateias, quanto uma facilidade para escrever inúmeras páginas de maneira vertiginosa e num curto espaço de tempo. Segundo narra o biógrafo Oswaldo Orico

Sua elaboração mental era vertiginosa. Os que o surpreendem debruçado sobre a mesa de trabalho contam a maneira febril com que produzia: A pena mal acompanhava a marcha veloz das ideias. (...) Escrevia em tiras sem pauta. Por um processo todo seu, arranjava que em cada tira terminasse sempre o fim do período. Era um hábito. Não gostava de transportar para outra página a conclusão de uma ideia (...) havia um empregado que se encarregava de recolher

2 Cf DARTON, R. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*..

as tiras e que saíam numeradas e de entregar a quatro ou cinco compositores, de modo que em poucos minutos o artigo escrito com aquela velocidade estava terminado³

A escrita ágil foi um instrumento poderoso para as variadas causas que defendeu durante a vida. Foi um escritor que atuou em diversos gêneros, do jornalismo aos romances. Como parlamentar foi um dos políticos mais críticos ao governo, enquanto deputado do legislativo brasileiro. Dos resultados das lutas sobriam inúmeros inimigos e um grande número de admiradores. A ideia das próximas páginas é realizar um trabalho dentro de uma pequena dimensão da vida deste homem que de muitas palavras e de ações de luta preencheu e escreveu sua vida.

Pessoalmente entrei em contato com a obra de José do Patrocínio ao acaso, anos atrás no momento em que fazia uma pesquisa sobre escravidão e imprensa na década 1860. A pesquisa era sobre a circulação e representação de anúncios nos principais jornais do Rio de Janeiro. A coincidência veio ao ler o periódico *Gazeta da tarde* e perceber à presença do trecho de um romance com a assinatura de José do Patrocínio e logo abaixo escrito como referência ao título uma explicação sobre o livro ser sobre a chamada “Fera de Macacu”, caso policial verídico ocorrido na região serrana do Rio de Janeiro e que havia chocado toda a sociedade da época. Tratava-se ali do romance *Mota Coqueiro e a pena de morte*. Ali nascia uma curiosidade que somente anos mais tarde resolvi desenvolver nessa dissertação. Naquele momento era algo irônico para mim descobrir que ao pesquisar entre outras coisas, escravidão em anúncios, encontraria um lado literário que desconhecia totalmente de um dos seus principais personagens histórico.

A isto, deve ser acrescentado também o desejo de pensar o Brasil da segunda metade do século XIX, sob uma nova referência teórica oriunda do universo da história das ideias. Toda uma geração de intelectuais, em que mais ou menos, do ponto de vista temporal escreveriam na chamada “república das letras” por volta de 1870, foram contaminados e conseqüentemente contaminaram o Brasil com novas ideias, tendo a literatura como um dos principais instrumentos

3 ORICO, O. *O tigre da Abolição*. pág. 96.

de discussão e estudo da cultura e dos problemas do país.

A dissertação a seguir está estruturada em três capítulos principais, acompanhados de uma breve conclusão ao fim. O primeiro capítulo procura realizar um estudo de quem foi José Carlos do Patrocínio dando ênfase em aspectos da sua vida pessoal na cidade do Rio de Janeiro e também da forma de pensar a ideia de cidade que está presente dentro do romance *os Retirantes*. Além disso, é importante salientar que o objetivo é pensar a partir da ligação entre José do Patrocínio e a influência do contato com outros locais.

O segundo capítulo, busca realizar um estudo sobre como era a circulação de ideias e livros na cidade do Rio de Janeiro do século XIX. É durante a propagação do romantismo que surge toda uma dinâmica social capaz de manter e dar desenvolvendo a literatura no Brasil. É o caso do aparecimento de um público leitor, e da ampliação e publicação de romances escritos por brasileiros nas páginas dos principais periódicos. O desenvolvimento do romantismo levaria a influenciar assim a chamada geração de 1870, da qual, José do Patrocínio é um dos seus principais expoentes. Em uma segunda parte do capítulo é dada atenção justamente ao que era capaz de definir esse grupo. Quais características lhe eram peculiares e quais dessas seriam possíveis de serem observadas na construção do romance.

O terceiro e último capítulo busca realizar uma espécie de diálogo entre as expectativas com a publicação do livro e o seu conteúdo. O principal tema desse capítulo é estudar aspectos internos da obra como sua estrutura de personagens e sua tensão narrativa. As escolhas do autor vão de encontro a estabelecer, ou pelo menos provocar determinadas relações simbólicas no leitor que merecem ser abordadas e analisadas.

Como fechamento são apresentadas em forma de curto capítulo algumas conclusões obtidas no desenvolvimento da dissertação. Uma expectativa é que se abra também novas leituras sobre a vida de José do Patrocínio o retirando do rótulo reducionista de ser somente o grande maestro por trás do abolicionismo no Brasil.

Por fim espero que com os poucos parágrafos presentes nessa dissertação, possam ampliar o número de estudos sobre a literatura brasileira no século XIX e

também sobre outros integrantes da chamada geração de 1870 que desenvolveram uma série de novas referências críticas sobre a ideia de Brasil ou de brasilidade e que atualmente, salvo alguns de seus ilustres integrantes como Machado de Assis, são altamente desconhecidos do grande público.

2.

A cidade na narrativa, ou a narrativa na cidade

2.1

A cidade

A opção pela vida em grupo remonta ao chamado homem primitivo e nômade que por necessidade de proteção e alimentação unia-se a seus iguais como forma de amplificar o poder de suas ações. Com o processo de sedentarismo e do domínio de técnicas do cultivo da terra, o caminho estaria aberto para a construção de pequenos grupos sociais estabilizados a um determinado solo, o que por desdobramento levou a criação de toda uma estrutura, não só física, mas também cultural, que ao ser circundante fosse capaz de prover uma melhoria social. Além disso, resultaria em um novo sentido cultural na vida dos seus habitantes. Esse primeiro momento seria o embrião, ou uma premissa básica na formação de cidades.

Há uma grande distância entre o processo de sedentarismo de sociedades antigas e o estabelecimento de cidades. Contudo existe uma articulação que pode ser pensada entre a lógica de poder e a sua capacidade de exercer influência em um determinado espaço físico. Trata-se de uma ligação entre espaço e política, que se encontram presentes na ideia de território como algo ligado a cidade, e que para o geógrafo Marcelo Souza pode ser definido como “*um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder*”⁴. Assim o território surge como um conceito de análise de poder político mediante um espaço social. Aqui a diferenciação oferecida por Rogério Haesbart permite clarear as fronteiras entre espaço e território.

se o espaço social aparece de maneira difusa por toda a sociedade e pode assim, ser trabalhado de maneira genérica, o território e os processos de desterritorialização devem ser distinguidos através dos sujeitos que efetivamente exercem poder, que de fato controlam esse(s) espaço(s) e, conseqüentemente, os processos sociais que o(s) compõe(m)⁵

4 SOUZA, M. J .L. de “*O território sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*”. pág. 78

5 HAESBART, R. “*Da desterritorialização à multiterritorialidade* ” pág. 80.

Do latim *civitas- atis* a etimologia da palavra cidade, segundo Celso Cunha entraria para o vocabulário da língua portuguesa somente no século XIII, enquanto que a palavra *urbe*, seria curiosamente adicionada ao nosso idioma no século XX. Na observação da geógrafa Sandra Lecioni, em artigo publicado sobre o conceito de cidade seus usos e problemas, é chamada à atenção para o fato da palavra urbano, que conhecemos como algo pertencente à cidade, ser encontrada presente no idioma português há vários séculos pois a “palavra suburbano e a palavra urbanidade são usadas na língua portuguesa desde o século XVI e que a palavra urbanista tenha antecedido à palavra urbanismo, já que a primeira, urbanista, é de 1874, enquanto que urbanismo é do século XX”.⁶

Se pensarmos na antiguidade, à própria ideia romana de *civitas-atis* remete a uma concepção da existência do cidadão e da cidadania romana como uma premissa para enfim a definição da cidade. Assim o uso das leis ao categorizar uma definição de cidadania acaba por influenciar na construção e na própria limitação da ideia de cidade na Roma antiga. Como a cidadania é algo a ser alcançando, somente com esta, é possível ser um participante de toda uma série de funções que à cidade poderia oferecer.

Se pensarmos nas antigas cidades-estados gregas chegaremos a uma interessante visão de cidade. Na obra *A República* de Platão, em um diálogo entre Sócrates e Admanto⁷ a cidade surge como uma espécie de necessidade para o homem, pois segundo Sócrates

Sócrates - O que causa o nascimento a uma cidade, penso eu, é a impossibilidade que cada indivíduo tem de se bastar a si mesmo e a necessidade que sente de uma porção de coisas; ou julgas que existe outro motivo para o nascimento de uma cidade?

Admanto — Não.

Sócrates — Portanto, um homem une-se a outro homem para determinado emprego, outro ainda para outro emprego, e as múltiplas necessidades reúnem na mesma residência um grande número de associados e auxiliares; a esta organização demos o nome de cidade, não foi?

Assim a cidade se torna um espaço, em seu sentido amplo, de variadas trocas e necessidades entre seus habitantes. Ao lado disso, é local onde outras categorias poderiam ter uma melhor capacidade de desenvolvimento. No mesmo

6 LECIONI, S. *Observações sobre o conceito de cidade e urbano*. pág. 3.

7 PLATÃO, *A república*.. Pág. 63.

diálogo Sócrates chama a atenção para o papel da justiça, pois na cidade

a justiça é mais visível e mais fácil de ser examinada. Assim, se quiserdes, começaremos por procurar a natureza da justiça nas cidades; em seguida, procuraremos no indivíduo, para descobrirmos a semelhança da grande justiça com a pequena.⁸

A cidade ou polis grega assume um papel importante na argumentação socrática. Surge como um espaço onde conceitos como a justiça pudessem atingir uma maior funcionalidade. A cidade é algo maior que o indivíduo na concepção de Sócrates. Essa concepção permite que a polis possua uma característica não somente material, mas também de conteúdo transcendente, como presente no diálogo abaixo em que a cidade concerne uma instância superior ao indivíduo, no caso quando o critério é novamente à justiça.

Sócrates — A justiça é, como declaramos, um atributo não apenas do indivíduo, mas também de toda a cidade?

Admanto — Sim.

Sócrates — E a cidade não é maior que o indivíduo?⁹

Se observamos as duas experiências clássicas da antiguidade e as compararmos entre si, podemos obter conclusões interessantes e que são importantes para a reflexão sobre a cidade. Em primeiro lugar a importância e valorização da cidade como um local de encontro de indivíduos e em segundo a constituição da cidade mediante um ordenamento do poder. Então aqui podemos chamar à atenção para os aspectos político administrativo, territorial e também populacional, ambos cercados pela ideia de cultura que cria relações peculiares entre esses conceitos.

As existências dessas três categorias variáveis podem servir para orientar as análises e os aspectos que caracterizam uma cidade. Se retornarmos as ideias da geógrafa Sandra Lecioni, o problema do que se chamar de cidade merece uma abordagem mais complexa pois conforme dito

o conceito de cidade é obscuro. Como um conceito pode embarcar desde cidades pequenas, de 2.000 habitantes, até cidades que abrigam milhões e milhões de habitantes? Como pode se referir a um objeto que se apresenta com características bem distintas e, que por isso, exige, frequentemente, o complemento de um adjetivo, a exemplo de: cidade de fronteira, cidade grega,

8 Ibid. Pág. 62

9 Ibid. Pág. 63.

cidade colonial, cidade medieval, cidade portuária, cidade turística, cidade mineradora, cidade industrial? Como pode se colocar como conceito, o que implica em ser reflexo de um objeto - segunda observação - quando esse objeto se apresenta múltiplo e variável?¹⁰

A solução encontrada por Sandra Lecioni para responder a questão gira em torno de dois outros conceitos: o caráter administrativo que a cidade possui e que remete a organização político social, e o seu aglomerado sedentário que no caso seria relativo aos habitantes que formam a cidade. A autora assume o fracasso da tentativa de se obter um conceito único e abstrato de cidade, frente a sua real utilização, mas abre um caminho importante para se pensar o termo, assumindo sua complexidade e salientando o aspecto histórico e cultural, como variáveis importantes em sua definição.

Em seu texto clássico chamado *a Europa das Capitais*, O historiador da arte Giulio Carlo Argan chama à atenção para um ponto que pode ser aproximado com a visão de Sandra Lecioni. Se para esta, os instrumento de investigação e caracterização de uma cidade giram em torno da ideia de sedentarismo e do caráter administrativo, para Argan que observa o período barroco europeu, a cidade seria definida de forma

A grande criação política do século XVII é o estado nacional e a sua forma típica é a monarquia absoluta. A Europa moderna é um sistema de Estados em busca de um equilíbrio de forças políticos e econômicas. O Renascimento tinha dado vida a uma civilização urbana em que cada cidade se apresentava não como um município livre, mas como um pequeno Estado Soberano: A cidade não era exclusivamente do príncipe ou um instrumento de sua política pessoal, mas a herdeira de uma tradição histórica própria e o centro de uma cultura¹¹

Os estudos históricos de Argan destacam diretrizes como a autonomia política de uma cidade, salientando o aspecto político da Europa e de suas cidades no renascimento e acrescentando toda vigência histórica peculiar de cada cidade. O príncipe poderia ter o controle político, mas a cidade não seria somente um resultado direto desse poder. Existiriam outros elementos que forneceriam sua peculiaridade e por isto em suas últimas palavras da frase destacada acima, Argan utiliza a ideia de cultura, algo único na função de cada cidade.

Uma cidade é o resultado de uma determinada cultura. E por outro lado

10 LECIONI, S. *Observações sobre o conceito de cidade e urbano* pág. 10

11 ARGAN, G. C. *Imagem e persuasão: Ensaio sobre o barroco*. . pág. 71.

também podemos dizer que ela é produtora de uma cultura. O trabalho de José do Patrocínio ao viajar ao Ceará foi a realização de reportagens que mostravam também como eram as capitais do norte, e especificamente à capital do Ceará atingida pela Seca de 1877.

O enredo do romance de Patrocínio gira em torno de personagens em uma cidade fictícia chamada B.V. Do interior cearense que se vê ameaçada pela estiagem da seca. Ao abandonarem a cidade e partirem rumo a capital a narrativa mostra outras cidades que perpassam o caminho dos retirantes até o destino final em Fortaleza. Deve-se acrescentar que muitos dos retirantes abandonavam não somente suas cidades, mas também a própria província do Ceará, como ocorre com a família da protagonista do romance. Não eram poucos os que iam parar em outros lugares, como inclusive na cidade sede do poder político do Brasil.

É aqui que surge pontos de contatos entre cidades diferentes. O romance, uma narrativa ficcional, constrói a imagem de uma cidade e de seus habitantes, ou pelo menos do que sobrariam deles após a diáspora da seca. Essa fuga leva ao aparecimento de outras cidades no trajeto. Aqui abre-se um ponto de discussão não somente de uma cidade puramente ficcional, mas também de uma ligação estabelecida com o Rio de Janeiro, então capital do poder Imperial.

Nesse caso existe uma diferenciação entre a escrita das reportagens, ou a produção de uma reflexão durante uma viagem e a uma outra forma de escrita, ocorrida de forma secundária, no caso da concepção do romance realizada já na cidade do Rio de Janeiro. A primeira é realizada sob o impacto direto dos acontecimentos, enquanto que a segunda sob as reminiscências da memória e pela criatividade da imaginação do artista tendo uma margem de tempo maior para reflexão. Mas em ambas a escrita em ambos é o instrumento principal de trabalho e o escritor visto socialmente como um funcionário das letras.

A escrita de uma matéria ou de um romance pode ser pensada à partir das palavras de Roland Barthes em seu artigo sobre *a morte do autor*. Em sua argumentação o teórico salienta como o século XIX, criou uma ideia de autor, fruto da razão cartesiana e que permeou sob influência do positivismo até o século XX. Nela toda a escrita, era destinada a pessoa do autor, como se este produzisse todas as palavras mediante o uso de uma razão calculada. Em outras palavras seria

o mesmo que a busca de um autor em seu sentido de um sujeito altamente lógico e com uma noção de identidade fixa no processo de escrita. Para Barthes isso não seria possível pois no autor .

Será para sempre impossível sabê-lo, pela boa razão de que a escrita é destruição de toda a voz, de toda a origem. A escrita é esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito, o preto-e-branco aonde vem perder-se toda a identidade, a começar precisamente pela do corpo que escreve.¹²

Essa visão se assemelha a defendida por Michel de Foucault que em texto, fruto de palestra, e intitulado de “*O que é um autor?*” onde realiza um estudo sobre as relações de poder que envolvem a figura do autor em seu congelamento em um único sentido.

Essa noção do autor constitui o momento crucial da individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, e também na história da filosofia e das ciências. Mesmo hoje, quando se faz a história de um conceito, de um gênero literário ou de um tipo de filosofia, acredito que não se deixa de considerar tais unidades como escansões relativamente fracas, secundárias e sobrepostas em relação à primeira unidade, sólida e fundamental, que é a do autor e da obra.¹³

Assim devemos pensar a ideia de autor utilizada para analisar a escrita do romance *Os retirantes*, como um sujeito fragmentado, em tensão não somente consigo mesmo, mas com seu todo seu entorno. Assim surge a importância tanto da viagem as cidades do norte e da realidade do momento da escrita do romance no Rio do Janeiro ao provocar indagações subjetivas no autor. A prática da escrita passa a ser considerada como um ato em fluxo de ideias e não necessariamente como uma ação calculada.

12 BARTHES, R *O Rumor da Língua*. pág. 1

13 FOUCAULT, Michel, *O que é um autor ?* Pág 6

2.2

As cidades fictícias

A cidade fictícia de B.V., é o cenário principal de mais da metade da narrativa do romance *Os retirantes*. Trata-se de uma cidade posicionada no interior da província do Ceará. Na sua primeira descrição no romance, Patrocínio parece chamar atenção para dois aspectos centrais que perpassarão todo o livro, a natureza perversa e o papel da religião.

Do alto da colina em que está a sede da paróquia, com as suas casas esparsas pela extensão das ruas embrionárias, e pelo contorno da praça, com a sua igreja caiada sem torres, tendo um telheiro como campanário, viam-se os incalculáveis estragos do verão. Era um espetáculo solene e tristonho (...) O rio Jaguaribe perdido, perdida a importância hiberna, estava reduzido a algumas poças (...) uma nuvem de urubus, que dividindo-se e subdividindo-se, ora pousava nas capoeiras ou no solo, servia de tantos outros marcos a morte¹⁴

A cidade é retratada cercada por uma natureza morta ou em decadência e que aparece avançar a cada dia rumo à tomada do seu centro. Nessa primeira etapa do romance, cada personagem parece remeter a um local específico da cidade, que tem como ponto central de encontro dos moradores a igreja. É nela que ocorrem as missas e onde o vigário Paula é um dos homens mais influentes graças ao respeito dos cidadãos por ser um homem ligado ao universo religioso e ao poder político. Em B.V não existe nenhum prefeito ou algum personagem que pareça centralizar todo o poder político. A exceção ocorre com os tempos de seca em que o vigário aumenta seus poderes graças a administração de recursos para os retirantes que passam pela cidade vindo de outras. Ao início do romance é salientando pelo narrador o principal papel representativo do religioso “O templo substituiu a consolação pela ameaça, a esperança pelo desconforto”¹⁵

Na maior parte do tempo a igreja é mostrada como local de preces pelo fim da seca que com o desenvolver se demonstraram infrutíferas. Em raros momentos da vida em B.V. como na tradicional festa de São José é que parece soprar uma pequena alegria vinda do templo religioso. Mas aos poucos, a tradição religiosa do catolicismo perde espaço com o gradativo avanço dos males da seca. A cidade

¹⁴ PATROCÍNIO, José. *Os Retirantes*, volume 1 Pág. 25.

¹⁵ Ibid., vol I Pág. 24.

abre cada vez mais espaço para as crendices ou superstições presentes na imaginação popular. O narrador vai apresentando os novos medos e esperanças dos habitantes. Em uma cena num estranho e distante engenho em ruínas que possui uma imagem de ser mal assombrado, à população fica admirada e assustada com os truques mostrados por um feiticeiro de passagem pela região.

A cidade de B.V Pode ser definida justamente por esse caminho de lenta corrosão de suas estruturas tanto físicas, quanto morais e culturais. A aceleração desse processo é amplificado geralmente por algo que venha de seu exterior em forma de uma natureza perversa ou das mais variadas possibilidades de intervenção. A própria ajuda do imperador, que vem de fora da cidade, pode ser um bom exemplo dessa problemática. Ao chegar ela passa à ser controlada pelas mãos do Vigário Paula e torna-se uma das causas dos conflitos internos que resultaram no fim de B.V. . Essa, chegaria a ser chamada de “esmola do imperador”¹⁶ pelo seu entregador.

Aos poucos as personagens portadoras de poder político em B.V. Vão desaparecendo. Na esfera das relações pessoais é a partir de uma carta recebida do exterior que é provocada a saída da personagem de Rogério Monte e de sua filha Irena da cidade. O pai da protagonista Eulália, o professor da cidade acaba morrendo de causas naturais. As principais tensões existentes no romance ocorrem entre os personagens de Paula e Eulália e de Irena e Feitosa todos por questões de ordens sentimentais. O primeiro o relacionamento entre um padre e uma jovem garota, o segundo entre jovens, de famílias em conflito na cidade.

Ao se tornar a cidade de B.V, promovida pelo governo da província, um entreposto de uma comissão de ajuda aos retirantes da seca, era dada a largada do principio do fim da cidade com novos elementos externos. Internamente ocorreria um fato que aceleraria este processo, a divulgação da notícia da sedução por parte do Vigário Paula sob Eulália, que se tornaria o ponto inicial de uma revolta que destruiria toda a cidade e que lançariam todos os sobreviventes em distintos caminhos em direção a capital. É assim que todos os personagens da antiga cidade se tornariam retirantes.

O caminho de B.V até à capital Fortaleza seria feito por estradas de uma

16 Ibid. Pág. 96.

natureza árida e implacável. São nesses trajetos que acontecem algumas das cenas mais dramáticas de todo o livro. O narrador parece com suas ações querer desconstruir todos os laços culturais que pareciam ser a base da civilização outrora encontrada na cidade. Em uma das cenas mais fortes apresentadas no romance, partiriam da cidade rumo à capital, a tia de Eulália de nome Ana, duas jovens sobrinhas e um cachorro de nome “Amigo”. Ao decorrer do caminho o animal é demonstrado como um ser fiel com direito a uma caracterização repleta de detalhes antropomórficos, e sendo tratado como um membro da família. Contudo a escolha do nome do animal por parte de Patrocínio pode ser interpretada como uma ironia, pois, em um momento de extrema necessidade este se transformaria na alimentação das pobres retirantes.

A cena da morte do “amigo” é contada em longos parágrafos em que o narrador busca captar as reações tanto da agonia do animal que morre por enforcamento, quanto do próprio choro da caçula com a cena. A executora é descrita na ação pelo narrador como portadora de uma certa heroicidade semelhante a alucinação. Todo o cenário do fato é de um local cercado de natureza, distante da cidade e de outros seres humanos e em que a necessidade de sobrevivência acaba por distanciar os antigos laços civilizatórios.

O leitor acaba por ser transportado para uma cena em que justamente existe uma tensão sobre os critérios morais dos personagens e a ação de matar o cachorro e da qual não pode intervir em nada, restando apenas a observação e o incomodo. O narrador é a única presença constante. No caso do adotado por Patrocínio, é altamente descritivo, capaz de demonstrar um conhecimento onipresente de toda a narrativa, a explorando em cada detalhe, inclusive nas subjetividades dos personagens. O narrador não estabelece uma relação de diálogo com o leitor, mas assume um pacto de conduzi-lo perante todo o desenvolvimento da narrativa.

Em seu famoso ensaio sobre o narrador moderno, Walter Benjamin, menciona como a antiga forma de narrar, que pode ser dividida em duas, uma formada pela distância espacial e outra pela distância temporal. A primeira ligada, ao aprendizado de narrar através de viagens e a segunda mediante conhecimentos concebidos em apenas um local.

Podemos apontar em Benjamin uma forte crítica a ideia de narrativa na modernidade, cada vez mais esvaziada de valor. Um dos pontos para isso é o aparecimento da imprensa, e a divulgação e busca pela informação, ou mesmo pela veracidade das mesmas, pois “A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações (...) e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações”¹⁷.

Este ponto do argumento pode ser aproximado com o romance *os retirantes* que possui um narrador capaz de mostrar detalhadamente cada cena, como uma espécie de provocação ao leitor o incomodado pela ação dramática e pela impossibilidade de outros caminhos serem trilhados pelos personagens. As interpretações dos fatos mostrados com isto limitadas. A capacidade de condução do narrador, não cria dúvidas, nem zonas de sombra, mostrando tudo o que é possível ao leitor. Todas as explicações parecem ser dadas em imagens. Isso impediria o que nas palavras de Benjamin seria a capacidade “ conservar suas forças e justamente depois de muito tempo, ainda é capaz de se desenvolver”¹⁸.

Por fim o narrador do romance acaba por ser um companheiro de percurso apresentando ao leitor os personagens e as cenas, mas não o provocando a ter desconfiança do que lhe é mostrado. A ficção acaba por depender de uma total confiança no pacto entre leitor e narrador ou de um espaço muito limitado para dúvidas.

17 BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. Pág. 200

18 Ibid. pág. 202

2.3

A cidade do Rio de Janeiro

Dar por início uma análise da literatura produzida no século XIX é dialogar com um dos principais polos de produção no campo das letras no país da época, no caso a cidade do Rio de Janeiro. Simultaneamente é trabalhar também com um momento crucial na construção e estabilização de grandes instituições políticas e sociais. Ao lado disso, articula-se toda a formação de um ideário cultural que fosse capaz de abarcar uma gama de necessidades que surgiriam em uma sociedade em um rápido processo de transformação.

Do ponto de vista político, a cidade do Rio de Janeiro se tornaria a “casa” de um novo governo com a vinda da família da real em 1808 e por consequência a capital de todo o Império do Brasil. Com o processo de independência de 1822, e a necessidade da construção de uma máquina burocrática estatal contribuiriam no outorgamento de uma constituição e ao início de uma série de tensões políticas e sociais que perpassariam todo o decorrer do século XIX.

A discussão caminha para um ponto que deve ser tratada com um rigor peculiar, pois ao lado da construção de um Estado Nacional do ponto de vista político, existe um outro viés social que pode ser analisada pela abordagem da cultura produzida especificamente na cidade do Rio de Janeiro. Esse espaço cultural da cidade poderia dialogar ou não, com a formação de um estado dito nacional, mas que serve de influência nos trabalhos do escritor José do Patrocínio.

A cidade aparece como uma mediatrix para o encontro de diversos pontos de vistas culturais. Ao mesmo tempo em que possui uma construção física possui outra de caráter abstrata, ou seja, entre espaços e aparelhos urbanos, encontram-se as construções abstratas singulares e em muitos casos antagônicas entre si. Para nos apossarmos de uma metáfora podemos interpretar a cidade como formada de carne e pedra, onde o primeiro termo seria as suas produções significativas, o seu lado imaterial e o segundo o aspecto meramente físico.

Entre ambos é imprescindível estabelecer uma relação de interdependência ou mesmo de dialética, onde o discurso¹⁹ modifica a leitura do cenário e a

19 Cf Foucault Michael. **As palavras e as coisas**: Uma arqueologia das ciências humanas.

mudança do cenário modifica novas perspectivas de leitura. Trata-se de relacionamentos das mais variadas formas que entram em tensão constantemente. No caso da cidade do Rio de Janeiro, isso leva ao desenvolvimento de uma reflexão que perpassa a história da cidade que sempre possuiu uma característica de fragmentação interna de visões conflitantes.

A cidade do Rio de Janeiro foi fundada oficialmente em primeiro de março de 1565 por Estácio de Sá, nas proximidades da região que hoje conhecemos como bairro da Urca. O estabelecimento de uma cidade ao sul da América Portuguesa era de extrema importância para Portugal como forma de estabelecer um marco de poder ao sul da colônia. Ao lado disso, era uma forma de coibir a expansão de projetos como da França Antártida capitaneada pelas ideias de Villeganhol de formar um projeto utópico nos trópicos. O resultado desse conflito, após a vitória sobre os franceses, seria a transferência da cidade para a região do extinto morro do castelo por motivos de segurança contra possíveis invasões estrangeiras e também de defesa contra prováveis ataques dos indígenas.

Neste momento a estrutura física da cidade pode ser demarcada como cercada por quatro morros principais, morro do Castelo, morro da Conceição, morro de Santo Antônio e morro de São Bento e com um pequeno centro posicionado onde hoje se situa a praça XV. Juntando-se a isso havia a antiga rua direita, atual primeiro de março, formando um primeiro embrião de comércio na cidade. Em perpendicular a essa, outras pequenas ruas foram sendo formadas pouco a pouco tendo uma direção geográfica que seguia sempre do mar para o interior em um processo de interiorização.

Ao redor dessas pequenas ruas a natureza imperava, formando uma espécie de proteção complementar as artilharias posicionadas no alto dos morros. Ainda no século XVII a circulação de ideias dentro do império atingiria as terras do sul atlântico ocidental. A partir do século XVIII o Rio de Janeiro ganharia uma nova importância dentro da América portuguesa. O período auge da exploração aurífera na região das Minas Gerais impulsionou a transferência do controle político em 1763, da Bahia para a cidade do Rio de Janeiro. Era o início do tempo dos Vice-Reis na cidade e que representou um princípio de obras de melhoramento urbano, como a criação de espaços como o passeio público ou de

remodelando do mercado de escravos para a região do Valongo.

O modelo de cidade implementado na América Portuguesa, seria chamado de *cidade colonial* por Ilmar Mattos, e pode ser pensada como um polo de interseção entre os monopólios dos colonizadores e colonos, sendo essa localidade caracterizada “pelas funções de porto e centro administrativo, caracterizando, dessa forma, o poder do colonizador e expressando a assimetria do pacto colonial”²⁰

A capacidade de artilharia dos canhões para proteção, poderiam deixar os inimigos distantes da cidade mas não impediriam a circulação de ideias advindas da Europa. A cidade do Rio ao se tornar um entreposto para se alcançar as cidades de Minas Gerais, se torna palco também da chegada e circulação de diversos estrangeiros e com eles, novas ideias. Assim podemos pensar nas categorias utilizadas por Ilmar Mattos que caracterizam em três grupos conceituais principais de habitantes, sendo eles formados de colonos, colonizados e colonizadores. Entre eles cabe a menção de uma fronteira fluida se abordarmos pelo aspecto cultural de produção de conhecimento, e que pode variar de caso para caso.

Se a circulação de imagens era algo proibido pela coroa portuguesa, a principal forma de arte seriam as advindas pelo Barroco que entrou com grande força na cultura popular. Outras formas distintas de culturas entrariam na cidade mediante a entrada de escravos que chegariam a cidade. Em estudo sobre a escravidão no século XIX realizado por Sidney Chalhoub, é utilizado o conceito de uma *cidade negra*, onde “a cidade negra é o engendramento de um tecido de significados de praticas sociais que politiza o cotidiano dos sujeitos históricos”²¹, ou seja, ações existentes no cotidiano da cidade no dia a dia, são capazes de assumir um significado de atos políticos, que pode expor ânsias e desejos de variados grupos de escravos ou de mundos culturais distintos.

A chamada cidade negra não seria uma característica da primeira metade do século XIX e sim fruto de um longo processo histórico que ganharia uma caracterização específica nas décadas posteriores a independência. Por outro lado

20 MATTOS, I. *O tempo Saquarema: A formação do Estado imperial*. pág 28

21 CHALHOUB, Sidney Apud LIMA Ivana Stolze. *Cores marcas e falas Sentidos da mestiçagem no Império do Brasil* p. 28 nota 14

não se trata de um grupo fechado dentro da sociedade, ou mesmo isolado em um determinado espaço físico. As fronteiras que dividem essas “cidades” do ponto de vista cultural são incertas, onde diversos mecanismos serviriam de ponte entre mundos ao mesmo tempo próximos em termos culturais e distantes nas palavras da lei.

Se nos concentramos momentaneamente no aspecto da escravidão dentro do cenário urbano, assunto que se tornará uma grande bandeira para José do Patrocínio na década de 1880 com o abolicionismo, no aspecto cultural desse processo podemos destacar a possibilidade de um escravo de falar línguas diferentes o que amplificava a circulação de trocas culturais. Essa fato fica evidente no relato e na caracterização de estranhamento que a professora de francês Adèle Toussaint- Samsom, observa em um passeio pelo centro da cidade e nos diz que:

É lá que se precisa ouvir falar aquela língua africana chamada língua da costa. Nada de mais estranho: parece que nela não entra nenhuma consoante; não se distinguem absolutamente mais que ohui, y a ahua, o, y, o. Aprendi algumas dessas palavras, que logo esqueci; é quase impossível reter uma linguagem da qual se ignora inteiramente a ortografia²²

Podemos também para essa mesma questão, pode-se ser mencionado o texto da brasilianista Mary Karasch, que destaca que mesmo com os mecanismos oriundos da escravidão ocorria:

“A conservação das línguas africanas era um dos aspectos mais importantes da vida dos escravos longe de seus donos. Quando se encontravam com seus conterrâneos nas ruas e mercados, os escravos conversavam em ioruba, quicongo ou quimbundo²³

Nas duas citações mencionadas anteriormente, podemos perceber como dentro da dinâmica social da cidade regida pelo sistema escravocrata, haviam espaços onde se poderia se sentir em uma espécie de “babel africana nos trópicos”, formada a partir de inúmeras línguas africanas de culturas distintas. Na primeira citação, podemos perceber o estranhamento e até um certo etnocentrismo

22 SAMSON, A.T. *Uma parisiense no Brasil* Editora Capivara, 2003. P.78 APUD, LIMA, I. S.. *Entre a língua nacional e a fala caçange. Representações sociais sobre a língua no Rio de Janeiro*, p. 90.

23 KARASCH, M., *Vida dos escravos no Rio de janeiro. 1808-1850.*, p, 293-294 .

na visão da professora, fruto principalmente do não enquadramento dessas línguas dentro do que considera como normal, ou seja, no caso dela, o que não pudesse ser registrado mediante à escrita, o que tornaria uma quase impossibilidade da língua de ser memorizada.

A citação de Mary Karasch reforça o aspecto da manutenção de línguas africanas mesmo com a adoção da língua do seu senhor o que torna mais sofisticada a heterogeneidade presente no Rio de Janeiro. Em outras palavras, falar o português, não significava um esquecimento da África, muito menos de suas línguas natais, e principalmente para os escravos caracterizados como “de nação”, ou seja, oriundos diretamente do tráfico negreiro. E esse cenário ocupava as ruas da cidade.

Entre esses espaços, é possível pensar trocas culturais nos encontros de habitantes em estruturas públicas. Para nos mantermos na escravidão, entre as pinturas de Rugendas, podemos encontrar na obra “Escravos no chafariz”, uma cena composta por escravos, em uma das suas funções diárias de buscar água em chafarizes da cidade para seus senhores. O que nós importa nessa imagem não é somente o cenário que o artista quis eternizar, mas também a expressão de seus possíveis sons. Trata-se de um detalhe que pode passar despercebido, mas que está presente na possível capacidade de comunicação entre si de cada um dos personagens representados que poderia ser efetuado em distintas línguas africanas ou mesmo em português.

Essa tensão entre distintas formas de se falar dos escravos revela uma cidade altamente complexa em sua variabilidade cultural. O papel do discurso de poder nomear as coisas, contribui na formulação de diversas culturas presentes na cidade e na formação de outras, pois a capacidade de significação acaba por gerar novos sentidos, conforme as perspectivas culturais. Podemos abordar mediante uma forma estratégia de poder, em que o domínio de um código linguístico poderia lhe resultar em algumas vantagens.

Ao mesmo tempo o domínio do idioma português era aprendido pelos escravos e se misturava com outras línguas africanas, o resultado eram novas imagens e sentidos sobre a cidade. A educação foi um dos caminhos a serem

estimulados para a concretização e legitimação do projeto de Estado Nacional Imperial. Como base de sua consolidação era necessário a formação de novos indivíduos, capazes de preencherem de conteúdo e significado a palavra brasileiro. Para Ilmar Mattos “A formação do povo consistia em primeiro lugar, tanto em distinguir cada um dos cidadãos futuros das massas, quanto em resgatá-los da barbárie”²⁴

A ideia era formar o povo, construindo sua significância em oposição as massas, ou mesmo a barbárie. Para ser entendido da melhor forma, o povo era uma categoria específica dentro de todo o corpo social. A ela seriam aferidas determinadas funções e limitações morais, que impediriam sua presença no mundo da política, este sendo governado por um pequeno grupo boa sociedade.

A margem desse processo se encontrariam os escravos e outros grupos marginalizados. Eram indivíduos sem possibilidade de participação política, e muito menos donos de suas próprias liberdades no caso dos cativos. A essa camada a educação de caráter público seria obstruída ou pelo menos dificultada, mesmo com o processo de expansão do ensino, presente na aprovação da lei de 15 de outubro de 1827 que em seu primeiro artigo define “Art 1º Em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverá escolas de primeiras letras que forem necessárias”²⁵

Em um anúncio do jornal do Jornal do Comércio de 15 de julho de 1852, mostra que dentro da realidade da cidade poderia ocorrer outras possibilidades para os cativos.

Na rua do Príncipe dos Cajueiros numero 55 continua-se a receber meninas e mesmo raparigas cativas e livres para ensinar a ler, escrever, contar, coser e o mais que é preciso, por preço cômodo mensal, empregando-se todo o desvelo no adiantamento das mesmas, e também se recebem pensionistas e meio pensionistas²⁶

O anúncio acompanharia um momento de grande divulgação de escolas particulares nas folhas dos jornais da década de cinquenta. Em uma mesma página diversas escolas e colégios procuravam atrair com inúmeras vantagens novos

24 MATTOS, I. *Tempo squarema: A formação do Estado Imperial* p.. 260

25 BRASIL. *Coleção leis do Império*. Pág 2

26 S/A. Anuncio de jornal. Jornal do Comercio. Rio de Janeiro. 15/07/1852. pág 2.

alunos para suas salas. No anúncio, o atendimento a cativas, provavelmente era dirigido mais a seus senhores que poderiam pagar seu preço, do que as próprias raparigas livres.

A escola procurava ensinar “a ler, escrever, contar, coser e o mais que é preciso”, ou seja, características consideradas pelo autor como essenciais para o trabalho doméstico. Deve ser ressaltado que esse conhecimento seria oferecido a escravos do sexo feminino dentro de uma sociedade regida por um sistema moral baseado na figura do patriarcalismo.

Além disso, o número de escravos capazes de “ler e escrever” presentes nos anúncios, são reveladores de uma condição até aqui pouco discutida sobre as formas e possibilidades de se expressarem através do português escrito. A historiadora Beatriz Momigonian, em seu artigo *Do que o preto Mina é capaz ?*, apresentou alguns casos de processos jurídicos que continham trechos escritos pelos próprios escravos solicitando direitos não cumpridos sobre alforrias.

Se a escola recebia em suas salas, alunas donas de suas liberdade e cativas, podemos imaginar a nível hipotético como se organizaria esse ensino, de que maneira, dentro de um mesmo espaço físico eram dadas lições a públicos considerados bem distintos pela sociedade da época.

O fato que pode ser mais interessante com o estudo de escravos letrados, talvez seja o da circulação da palavra escrita ser maior do que geralmente é imaginado para a cidade do Rio de Janeiro do século XIX. Isso significaria um maior alcance e mesmo uso na divulgação de ideias presentes nos periódicos publicados diariamente. Nessas mesmas páginas de jornal eram publicados os romances, e como nós lembra Antônio Cândido mesmo que de maneira hipotética ou em seu sentido metafísico, é imaginado um leitor por parte do escritor, e neste posso é possível supor um alcance maior do que o esperado pela literatura.

É nesse cenário de um grande número de escravos, e de uma cidade que dava seus primeiros passos dentro do processo de modernidade que Patrocínio começa a tecer seus primeiros escritos. A cidade assim se torna uma espécie de influencia nos escritos do autor. É para o público do Rio de Janeiro que Patrocínio dirige seus textos, e é por esse mesmo público e povo que seria um crítico feroz de diversos aspectos de sua contemporaneidade.

2.4

Entre a vida e a escrita

A vida é um rugido entre dois grandes silêncios

Isabela Allende

Apresentar a vida de um homem não é simplesmente pensar o espaço de tempo contido, entre os momentos de seu nascimento e de sua morte. Podemos pensar em uma organização, que utiliza a metáfora de uma corrida, onde de um lado do trajeto é posicionada à largada com o nascimento, enquanto que em um outro extremo, o momento último de sua chegada com sua morte. Essa forma de pensar, pode ser didática ao operar basicamente sob uma ótica cronológica, mas não daria a completa dimensão da existência de um indivíduo, servindo apenas como uma espécie de bússola, instrumento esse, que ao apontar para o norte, não fornece nenhuma outra informação sobre as possíveis peripécias que se encontrarão pelo caminho até se atingir o objetivo final.

É sob esta estratégia, de não se ater a uma esfera totalmente cronológica, porém não a abandonando, que estudar a vida de um homem, ou melhor, de um intelectual, deve ser posicionada. No caso, a vida de José Carlos do Patrocínio, ou popularmente conhecido pelo binômio de José do Patrocínio, foi relativamente curta, vivendo somente cinquenta e dois anos (9 de outubro de 1853 – 29 de janeiro de 1905) se ficarmos na medição estritamente temporal da sua vida, mas ao abordarmos suas ações em diversos campos e também suas ideias, em muito peculiares para o período estudado, chega-se a uma conclusão inicial de uma vida vivida intensamente, com um alto grau de complexidade, em que a melhor forma de abordagem seria uma análise de um dado particular de sua trajetória, que fosse capaz de tergiversar com distintos outros momentos.

Assim surge uma face pouco conhecida da personagem histórico, as suas obras de literatura e mais especialmente o seu segundo romance chamado *Os retirantes*, publicado em forma de folhetim no jornal *Gazeta de Noticias* entre os anos de 1878 e 1879, enquanto o autor possuía apenas vinte e seis anos de idade. Essa obra situa-se em um limiar pouco estudado na vida de José do Patrocínio, que ficou marcado na memória popular e historiográfica, como um herói ligado ao

movimento abolicionista ocorrido na década de oitenta do século XIX.

Este fato é perceptível nos títulos de duas das principais biografias sobre o autor, a intitulada “*O tigre da abolição*” de Oswaldo Orico de 1977 e a publicada em 2009 com título “*José do Patrocínio, A imorredoura cor de bronze*” de Uelinton Farias Alves, onde apesar de ambas abordarem toda a vida de Patrocínio, rendem-se a realizar logo de início uma articulação com o personagem e o movimento pelo término da escravidão.

Isto não ocorre na biografia de Raimundo Magalhães Júnior publicada em 1969, que do ponto de vista do conteúdo e da pesquisa documental, talvez seja à de maior importância, e que opta por uma ideia mais abrangente já no seu título, chamando de “*A vida atribulada de José do Patrocínio*”, evitando assim menção à escravidão, mas não a separando dos principais argumentos presentes na obra. Um ponto em comum nas três biografias parece ser a sistematização da vida do personagem, em um período anterior e um outro posterior à década do abolicionismo, sendo o primeiro encarado como uma preparação para o dia histórico do treze de maio de 1888, e o outro o seu dia seguinte, onde a decadência é a característica mais salientada.

Nesta última parte, vista como “decadente”, é digno de comentário os estudos de Brito Broca em *A vida literária nos 1900* e de Machado Neto em *Estrutura Social da República das Letras* que ao pesquisar a dinâmica da vida literária fin-de-siècle brasileira, mostra um José do Patrocínio ainda com resquícios do espírito provocador de outrora, atuando agora não mais na esfera ativismo político, mas também na área de inovação tecnológica, como no caso do apoio dado à construção de dirigíveis que nunca foram finalizados, ou na compra do primeiro veículo automóvel da cidade do Rio de Janeiro, destruído em um acidente no bairro de Botafogo ao comando de Olavo Bilac.

Dito isto, pode-se dizer que ideias como de modernização e modernidade, palavras tão próximas, mas de significados distintos, se confundem na vida de José do Patrocínio. A primeira tendo como significado uma tentativa de intervenção constante na realidade, de modificá-la em prol de ideias novas enquanto a segunda no estabelecimento de um diálogo com novas correntes de

pensamento, então em voga na segunda metade do século XIX.

Com isto, ao aprofundarmos na vida de um intelectual, e em seus momentos decisivos em que participou efetivamente de processos de mudança social, temos uma face que merece ser investigada minuciosamente. Para isto é necessário um estudo de que ideias ou ideais o motivaram. Para dar conta de um desses momentos decisivos na vida do nosso autor, e simultaneamente respeitar o desafio que é trabalhar com um aspecto subjetiva da formação da personalidade marcada por constantes transformações.

Assim ganha corpo a premissa de estudar a mentalidade de José do Patrocínio, fora da “camisa de força” estabelecida por sua ligação ao abolicionismo. A ideia é pensá-lo, tão bem quanto José Murilo de Carvalho o definiu de forma que “*foi um homem complexo que viveu na fronteira de mundos distintos, se não conflitivos.*”²⁷. E dentre essas fronteiras, à que me chama atenção inicialmente é a forma que adotou o romantismo da geração anterior, representada no nome de José de Alencar, e lhe deu uma face própria para sua vida.

Talvez a primeira relação que surja de forma precitada, seja pensar o romantismo presente no próprio indivíduo José do Patrocínio de forma única, associando-o a um personagem mais heroico e literário que histórico. Essa interpretação ganhou força com a vitória do treze de maio de 1888, em que aclamado pelo povo, é reverenciado como herói popular. É neste momento que é pronunciada a famosa frase dita pelo amigo João Marques “*Que belo dia para morreres, Patrocínio!*”²⁸.

Nas páginas dos grandes jornais de caricaturas Patrocínio é representado como um dos símbolos heróis da abolição ao lado da princesa Isabel. Na charge do jornal o Mequetrefe, de 20 de maio de 1888 ambos aparecem em uma cena de conotação religiosa, onde surge a representação da princesa Isabel em primeiro plano em seu tamanho ampliado com um sol por traz da cabeça e com inúmeras rosas aos seus pés. Em sua mão esquerda é apresentada a lei áurea e na outra mão é amparada por um José do Patrocínio sorridente, em escala menor, e que lembra

27 CARVALHO, J.M. *Com os lábios nas mãos*. Pag 1.

28 MAGALHÃES JÚNIOR, R.. *A vida turbulenta de José do Patrocínio*. Pág. 55.

os anjos que geralmente compõem as cenas religiosas dos santos católicos.

A atuação em diversas esferas, como na imprensa tanto política quanto de temas como anúncios, na literatura, ou mesmo por possuir uma retórica de sedução irresistível, mais aproximou que distanciou José do Patrocínio, de ser classificado fruto da chamada “genialidade romântica”²⁹. Esse epíteto de início aparentemente elogioso, teve por resultado criar uma armadura nas interpretações sob o personagem histórico, em que parte das questões levantadas referente ao papel de intelectual, acabam por serem respondidas por critérios sem muito embasamento crítico. José do Patrocínio acaba tornando-se assim uma espécie de lenda descolada do seu lugar na história. Esse fato pode ser perceptível ainda em vida na grande aglomeração urbana no momento de sua morte, que reuniu milhares de cidadãos na praça Tiradentes e lhe rendeu inúmeros discursos elogiosos no momento de sua morte em 1905. Era a criação de um mito ainda durante a vida.

Sobre a genialidade algo dito semelhante ocorreu com Machado de Assis e a construção do mito em torno do seu nome³⁰. Em algumas interpretações superficiais é apresentada a obra de Machado sendo valorizada justamente pelo fato do autor ser mulato e por não ter frequentado nenhum banco escolar intermediário ou superior. Esse fato resultou em uma ênfase ao autodidatismo como um reforço para sua genialidade. O recurso retórico acaba assim por esconder uma grande parcela do escritor.

Em Patrocínio, o que acontece é algo parecido com relação ao abolicionismo. A sua genialidade aparece no senso comum e até mesmo na historiografia por ter aberto os caminhos e obtido a vitória do dia treze de maio, sem salientar geralmente outros aspectos do restante de sua vida. Isso resultou em uma valorização específica de sua imagem, capaz de eclipsar tanto partes de sua própria história pessoal, quanto a de outros integrantes que fizeram parte do movimento. Em uma charge em homenagem a sua morte em 1905 feita pelo grande amigo Ângelo Agostini, todos os fatos da vida pessoal de Patrocínio estão

29 Cf WEBER, Max. *Vocação de poder*.

30 Cf BAPTISTA, Abel Barros, *A formação do nome: Duas interrogações sobre Machado de Assis*.

contidos na década de 1880.

Um ponto que podemos mencionar para a desconstrução dessa imagem histórica é o papel do ensino escolar na formação da sua personalidade. Em todas as biografias é marcante a ênfase dada ao papel da educação em sua formação. No trabalho de Raimundo Magalhães salienta o início da vida de Patrocínio, como filho de escrava quitandeira e de um pai vigário da cidade de campos e proprietário de terras. Sendo um filho não legitimado como dito em artigo autobiográfico, “*do vigário de Campos que não me perfilhou, mas que toda a gente sabe que era meu pai*”³¹. Essa criação com outros filhos legítimos, possibilitou ao mínimo uma educação básica em comum e que se completaria por esforço próprio, anos mais tarde na capital no curso superior de farmácia.

Com o domínio das letras, abriam-se as portas de um novo mundo, pois alfabetizado estava instrumentalizado a ler, refletir e posteriormente escrever suas ideias. A isto se adiciona sua mudança em 1868 para a capital do Império, uma cidade com ares cosmopolita, e de grande circulação de ideias. Ao abordarmos do ponto de vista da cultura, pode-se dizer, que a cidade do Rio de Janeiro era composta da tensão de pequenas cidades internas, e da absorção de novas ideias vindas do exterior. Ao lado disso, na década de 70, a cidade apresentou inúmeras mudanças estruturais nas capacidades físicas, econômicas e sociais, como salienta em artigo Antônio Edmilson Martins:

A década de 1870 configurou o início sistemático de um processo de modificações no espaço urbano da cidade. A expansão demográfica e o crescimento industrial do setor têxtil indicavam alterações na composição e funcionamento da sociedade carioca. Com as alterações no espaço urbano, surgiram novas formas de relacionamento social, mudando hábitos, alterando comportamentos, ampliando diversidade social e as tensões resultantes da artificialidade³².

A cidade era assim um campo fértil para a proliferação de ideias e as páginas dos jornais seu maior veículo de divulgação. Com o fim do monopólio da imprensa em 1821, ficava definida no outorgamento da constituição de 1824 a sentença que impedia a censura, mas que não seria respeitada nos anos seguintes,

31 PATROCINIO, J. *Coluna do autor*. Gazeta da Tarde. Rio de Janeiro. 29/05/1884.

32 RODRIGUES, A. E. M.. *Em algum lugar do passado. Cultura e História na cidade do Rio de Janeiro*. Pág. 25.

só tendo uma implementação decisiva durante o governo exercido por Don Pedro II.

Pela expansão da imprensa e por ser alfabetizado, é altamente plausível estipular que Patrocínio tenha entrado em contato com inúmeras ideias do pensamento romântico, ainda em sua cidade natal de Campos ao ler jornais diários³³. A variada gama de periódicos refletiam os mais diferentes jogos de interesses de grupos da sociedade. Ao lado disso, ao chegar ao Rio de Janeiro, e de início trabalhar como servente da Santa Casa de Misericórdia, escreve em 1871, um ano antes da entrada no curso de Farmácia, o que é considerado sua primeira participação jornalística, um poema intitulado “*A memória de Tiradentes*”. O texto, foi publicado em um jornal ligado ao nascente movimento republicano, e que demonstra um pensamento recheado de características românticas, como a exaltação quase mítica de Tiradentes, e também o aparecimento, de forma ainda tímida, de uma crítica política e social.

Um caminho para se pensar os primeiros escritos e também as grandes lutas travadas na vida de José do Patrocínio, é o de analisar as ideias oriundas do romantismo como uma espécie de força que move o personagem. Do debate romântico realizado por José de Alencar na geração anterior, o que parece resistir, é um conjunto de ideias, que serão articuladas a outras dimensões por Patrocínio e outros pertencentes à chamada “geração de 1870”. Em uma crônica publicada já no momento posterior a vitória do abolicionismo no jornal o O Paiz em 11 de junho de 1888, ele diz

Há no Guarani, de José de Alencar, um quadro que extasia a quantos o lêem: é a descida de Peri ao fundo de um algar, para apanhar uma joia que a preferida de sua ama lá deixou cair. O selvagem sabe que lá embaixo, sob o trançado da vegetação bravia, na noite e na umidade daquele bojo sem sol, vivem legiões e legiões de seres venenosos, agentes fatais da morte. O menor descuido, e o dente de um urutu ou de uma sucuruinha lhe vazará nas veias a peçonha mortífera. Nem por ser terrífico o cometimento, Peri deixa de empreendê-lo e, empunhando um facho e imitando o canto da açanã, lá se entranha pelo abismo.³⁴

A passagem selecionada do livro *O guarani* de José de Alencar, é justamente o momento em que Peri encontra-se em uma cena, na qual o risco é

33 Cf LUSTOSA, I. *Insultos impressos; A guerra dos jornalistas na independência*. .

34 PATROCINIO, J., O Paiz. Rio de Janeiro. 11/06/1888.pág 2

seu principal companheiro à medida que caminha para a concretização do seu objetivo. Na crônica a cena é utilizada como uma ilustração com o objetivo de dar prosseguimento ao que foi acertado no dia 13 de maio.

O romantismo foi um movimento cultural complexo e que dificilmente poderia ser posicionado como singular, e sim como composto de inúmeras formas e vertentes. Não se trata de uma imitação, mas de uma relação crítica da forma de produzir ideias. A mais interessante talvez seja a de natureza, uma construção oriunda da mente do intelectual, ou do conjunto da sociedade, que a define. Para sustentar essa concepção é necessário atuar sob uma outra forma de razão intimamente ligada ao social e constantemente criada no decorrer deste. Em contraposição a esta pode-se situar a razão dita cartesiana, tão presente nos escritos iluministas franceses do século das luzes e do pensamento positivista do século XIX.

Ao nascer do período renascentista à tentativa de ruptura com o período da idade média cria um homem que possui uma forma peculiar de relação com o mundo, baseada na dicotomia sujeito-objeto. Nas palavras de H. U Gumbrecht seria “O homem como observador externo do mundo (..) é sintomática de uma nova configuração de auto referência, Os homens começam a ser excêntricos ao mundo”³⁵

Pensando no movimento cultural proveniente do barroco como uma radicalização do renascimento, é justamente essa concepção de homem aparece em contraste com o período anterior. Se antes o homem, parece um estranho ao mundo, se distanciando cada vez mais da natureza, no barroco ocorrerá justamente o contrario, o homem se encontra no mundo e sobretudo envolvido por este e por todas suas contradições antitéticas. É um mundo em que a subjetividade aparece como uma saída à objetividade renascentista. E que se pensarmos o barroco como uma ideia ou como uma produção de ideias, não estando presa a um contexto temporal específico, poderemos observar o aparecimento de alguns de seus traços dentro da dinâmica do romantismo brasileiro.

O surgimento desse movimento cultural obteve grande espaço nos países

35 GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença*. pág. 46

mediterrâneos, e sobretudo na península ibérica que por consequência, o expandiram nas suas colônias no novo mundo. Assim chegaria ao Brasil e criaria raízes, que serão absorvidas no romantismo que podemos situar em dois grandes grupos, um ligado a Gonçalves de Magalhães e a revista *Nicteroy* no início do século XIX e outro no entorno da década de cinquenta, tendo como expoente José de Alencar.

Externando as diferenças temporais e situacionais do ponto de vista cultural, ambos os grupos procuraram dar conteúdo e sentido, cada qual à sua forma, ao que então era chamado de Brasil. O primeiro grupo de Gonçalves de Magalhães ao participar da revista *Nicteroy*, uma publicação financiada pela diplomacia brasileira, para ser distribuída no exterior, sobretudo em Paris, procurava criar um primeiro patrimônio particular ao Brasil, que fosse capaz de o incluir dentro do imaginário do ocidente. O periódico duraria pouco, não se estendendo para mais que dois volumes, mais abriria caminho para uma forma de reflexão que dialogaria com a geração de José de Alencar.

É de grande importância salientar que apesar de ambos os grupos possuírem laços estreitos com a instância política do estado, o romantismo convém de um movimento social cultural e que somente em alguns momentos realiza contato com o poder político. Isso permite trabalhar com uma separação das ideias de estado e nação, que mesmo tendo o ponto em comum do nacional, atuam em esferas diferentes, mas com pontos de contato entre si.

A separação pode ser delineada da seguinte forma, o Estado, sustentado mediante uma constituição, invoca para si, uma nacionalidade criando todo um discurso institucional sobre o nacional. Enquanto isso, a construção da nação pelo viés social se articulará a uma ideia de brasilidade do que é único na cultura. Assim nação é construída diretamente ligada ao ambiente da tradição dos habitantes de um determinado território. No conceito hoje já clássico de Ernest Renan seria o mesmo que

uma grande solidariedade, constituída pelos sentimentos do sacrifício que fizemos, e que ainda estamos dispostos a fazer. Ela supõe um passado; resume-se, porém no presente, por um fato tangível o desejo claramente expresso de

continuar a vida em comum³⁶

Assim, a ideia de nação surgiria de algo além de características, como as diferenças linguísticas, raciais, ou mesmo da necessidade de uma cultura encapsulada em uma identidade única. Como contraposição, podemos operar a partir do conceito de tradição, não como algo negativo, mas sim como algo plural e em possibilidade constante de variação.³⁷ Em outras palavras seria algo como o conjunto de experiências produzidas no Brasil.

Se ainda explorarmos a frase mencionada anteriormente, podemos salientar uma expressão de que fora captada de maneira peculiar pelo romantismo de José de Alencar, o sentimento de brasilidade. Com esta ideia por base, Alencar constrói narrativas, capazes de gerar tensão entre os personagens e de simultaneamente criar retratos idealizados do Brasil, que de alguma forma alimentarão culturalmente a geração que virá em sequencia, da qual faz parte José do Patrocínio e inúmeros outros intelectuais.

Dito isto, podemos estabelecer que a existência de um romantismo anterior, no qual José do Patrocínio forma uma espécie de pecúlio pessoal. n Como ponto de inflexão, ou representação da mudança desse paradigma aparece à obra literária *Os retirantes*.

36 RENAN, Ernest, o que é uma nação in ROUNET, Maria Helena (org.). Nacionalidade em questão. Caderno da Pós/Letras 19. RJ: Uerj, 1997.pág. 40

37 Cf GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica.*

3

Literatura no Brasil.

3.1 - Apresentação

A carta descritiva do descobrimento é considerada como uma espécie de marco zero na produção literária Brasileira. Escrita de maneira a narrar os primeiros contatos e impressões com os indígenas da nova terra ao Rei de Portugal, suas palavras ecoam pelo tempo como o primeiro texto produzido em território brasileiro. Somente décadas mais tarde, a parte de terra que seria chamada de América Portuguesa entraria diretamente nos interesses da metrópole estimulando um lento processo de ocupação. De um lado a construção de diversas estruturas políticas e de outro uma rede de colégios comandados pela ordem jesuíta concentrava-se como os maiores polos de produção e ensino de escrita.

Dessa ligação foi dado o primeiro passo na literatura do barroco com o nome de religiosos como Antônio Vieira e Gregório de Matos. No período áureo da Minas Gerais ainda surgiria o arcadismo ligado principalmente a grandes nomes participantes do movimento da conjuração mineira, contudo não atingindo uma maior circulação do que em algumas cidades, e dentro dessas, em muitos casos, em poucos círculos. Na sequência, no adentrar do século XIX inúmeras transformações mudariam praticamente toda a sociedade e política.

A chegada da corte portuguesa em 1808 e a independência de 1822 dariam outra dimensão a realidade brasileira, como também a literatura em si. Nas palavras de Antônio Cândido era o momento de escritores produzirem mediante o uso das palavras uma nova forma de se sentir o jovem Brasil, pois

A posição do escritor e a receptividade do público serão decisivamente influenciadas pelo fato da literatura brasileira ser então encarada como algo a criar-se voluntariamente para exprimir a sensibilidade nacional, manifestando-se como ato de brasilidade³⁸

Em 1836, José Gonçalves de Magalhães junto com Manuel Araújo Porto Alegre e Francisco de Salles Torres formam a base do periódico *Nictério*, revista *Brasilense*. Em suas páginas eram redigidas uma espécie de manifesto romântico

38 CANDIDO, A. *O escritor e o publico*. Pág.89.

e que ao lado de uma pesquisa de documentos literários do passado da América Portuguesa, procuravam dar uma face nacional aos escritos produzidos no Brasil. Como método de pesquisa o principal critério viria a ser a produção realizada no território sem a mediante preocupação com a cultura de onde o documento seria proveniente.

Tratavam de sucessores ou continuadores do trabalho de estrangeiros como Ferdinand Denis que abriram a discussão sobre uma literatura brasileira ainda no período Joanino. Denis foi um intelectual influenciado pelas ideias do romantismo que permeava um grande espaço na Europa e que vinham em tensão com as ideias oriundas do período da ilustração. Para os integrantes da revista *Nicteroy* essas ideias se apresentavam como um possível caminho para o estabelecimento de algo peculiar ao Brasil frente à antiga metrópole.

A revista teria uma curta duração, não chegando ao terceiro exemplar, mas serviria como uma forma de divulgar as ideias brasileiras no exterior. Para isto, basta lembrar-se de sua circulação ser diretamente financiada e divulgada nas embaixadas brasileiras europeias. Tratava-se de um curto espaço de tempo desde a independência de 1822, e a busca do que poderia ser peculiar ao Brasil frente a Portugal e de sua respectiva divulgação para a Europa, que se tornaria o segundo grande objetivo desses intelectuais. Assim a literatura ganha uma interpretação de possível instrumento político na construção da nação. Nas palavras iniciais da Revista *Nicteróy*, revista brasiliense, de ciências, letras e artes, podemos salientar isso quando mencionam

Cada povo tem sua literatura própria, como cada homem seu caráter particular, cada arvore seu fruto específico; mas esta verdade incontestável para os povos primitivos, algumas modificações contudo, experimenta entre aqueles cuja civilização é apenas um reflexo da civilização de outro povo. Então como nas árvores enxertadas, veem-se perder de um mesmo galho frutos de diversas espécies; e posto que não degeneram muito os que do enxerto brotaram, contudo algumas qualidades adquirem, dependentes da natureza do tronco que lhes dá nutrimento, as quais os distinguem dos outros frutos da mesma espécie. Em tal caso marcham a par as duas literaturas, e distinguir-se pode a indígena da estrangeira³⁹

A revista abriria a discussão sobre o que seria uma literatura brasileira, ou precisamente qual seria seu conteúdo e abrangência. Esse objetivo seria retornado

39 COUTINHO, A. *Caminhos do pensamento critico*. pág 24-25

em outro periódico de nome *Minerva Brasileira* no ano de 1843 e que perduraria até o ano de 1845. Alguns de seus fundadores e articuladores eram os mesmos da *Revista Nicteróy*, juntando-se a estes, nomes como o do chileno Santiago Nunes Ribeiro e o de Joaquim Norberto Souza e Silva. O perfil da revista também apresentaria outras mudanças como a presença de artigos que mostrassem os progressos ocorridos nos últimos anos em diversas áreas, como de incorporações tecnológicas e morais e também apresentaria uma abordagem da história da literatura brasileira.

Se a revista *Niterói* foi destinada a um leitor distante do território Brasileiro, mas precisamente na Europa, no caso da revista *Minerva*, tratava-se de um periódico que buscava um diálogo com um novo leitor situado dentro da atmosfera brasileira e de sua nova realidade como nos grupos ligados as indústrias ou mesmo das mulheres.

Para isto, contribui também o papel da imprensa e de sua profunda modificação após o fim do monopólio da Impressão Regia em 1821. Em 1823 foi formulado um projeto para regulamentação do tema e no ano seguinte o tema receberia todo um parágrafo de número 179 na constituição de 1824 com os dizeres

Todos podem comunicar seus pensamentos por palavras, escritos, e publicá-los pela imprensa, sem dependência de censura, contanto que hajam de responder pelos abusos, no exercício deste direito, que cometeram no exercício deste direito, nestes casos, e pela forma que a lei determinar.⁴⁰

O cuidado com a liberdade da imprensa foi rediscutido em outras leis como a de 1830 ao fim do primeiro reinado, sobre o abuso da liberdade de Imprensa. Sua definição consistia na criação de novos procedimentos detalhados em caso de abuso de liberdade por parte da imprensa e a obrigatoriedade dos dados da localização da tipografia e a data da impressão. Ao lado disso eram mantidos a liberdade perante o anonimato na autoria de textos e o aparecimento cada vez mais crescente de novos periódicos.

É nas páginas da imprensa que vão surgindo novos leitores e também novos escritores. São em espaços como esses, na forma da revista *Nicteróy* e

40 BRASIL, Constituição de 1824 Apud LIMA, I. S. *Cores marcas e falas: sentidos de mestiçagem no Império do Brasil*. pág 36

Minerva Brasileira que são levantadas questões referentes ao romantismo brasileiro e de sua relação com o então Brasil independente. Em 1849 apareceria a revista Guanabara que dava prosseguimento as questões levantadas anteriormente em relação à crítica literária, mas que atuaria em um contexto mais conservador, onde os estudos de temas como a moral ou o progresso do país começam a aparecer como pontos centrais.

Em suas páginas é publicado o texto “Costumes campestres do Brasil” de Joaquim Manuel de Macedo que destaca justamente um contraponto entre a realidade da cidade e a do campo, este visto como a grande representação do nacional. É dele a frase “Uma nação não tem nada em si mais cambiante e de menos nacional do que a sua capital”⁴¹.

É aberto assim o caminho para uma literatura idealista sobre os espaços fora da cidade, e entre elas aparecem as obras de José de Alencar. Entre elas a obra *O Sertanejo*, última obra publicada em vida pelo autor, em que é construída uma imagem do interior do norte. A narrativa se passa no sertão do Ceará e tem como protagonista central a personagem de Arnaldo Loureiro, vaqueiro principal da fazenda do capitão mor Arnaldo Capelo. O ponto central de tensão gira em torno do relacionamento entre a filha do capitão mor e um de seus vaqueiros. Em seu entorno como cenário da obra, as cenas passam em uma natureza altamente bem descrita por parte de José de Alencar em seus mínimos detalhes.

Trata-se de um tipo de representação da natureza peculiar pertencente a estética do romantismo. Há cenas em que mostram o vaqueiro em uma relação articulada com a natureza, ora desafiando-a em sua profissão diária na fazenda, mas em outras, em que a natureza é apresentada como uma espécie de refúgio ao meio social, como nos momentos em que o personagem dorme em árvores cercadas por animais. Essa cena relembra as representações clássicas dos índios no romantismo como uma espécie de primeiros heróis do Brasil, articulados diretamente com a natureza.

Tendo como grande expoente na literatura José de Alencar, o romantismo cria uma forma de discutir a cultura brasileira sem necessariamente está ligada a

41 Macedo, J. M. Apud RICUPERO, Bernardo. O romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870). SP: Martins Fontes, 2004

construção de um estado nacional. Nas páginas de Alencar e dos primeiros escritores românticos encontramos uma série de imagens do que seria o Brasil. Trata-se de uma geração que cria paisagens do Brasil, pincelando mediante palavras uma concepção de estética na natureza que irá permear o imaginário do Brasil, e que em alguns casos permanece até os dias atuais.

Dito isto, se retornamos a uma abordagem do papel do indígena como um personagem central na obra de Alencar, podemos aproximá-lo da figura do vaqueiro presente no “Sertanejo”, pois ao mesmo tempo em que a natureza é uma presença constante formando uma grande paisagem, os personagens centrais são representantes de uma representação de valores da civilização ocidental. Para ficarmos na personagem do vaqueiro é interessante observar a relação de submissão que possui perante o dono da fazenda. Há um enquadramento dentro de um comportamento ético por parte do personagem, que ao ser mantido na fazenda, recebe a aceitação do patrão como um membro de sua família, lhe chamando pelo sobrenome.

Somente assim, a tensão da obra que envolve a relação entre o vaqueiro e a filha do capitão mor, dono da fazenda pode ser restaurada. A obra mostra um tipo de dinâmica social que lembra alguns traços de uma sociedade de corte entre seus personagens. As interdições são justamente por questões morais e éticas de comportamento que entram em conflito com os sentimentos das personagens. Nesse caso, é demonstrado como funcionava a dinâmica do patriarcalismo, criando limites dentro de uma dinâmica social, e tendo a representação da família como o elo central de sua organização.

Essas ideias do patriarcalismo são dedicadas especificamente ao estudo da diversidade da sociedade brasileira e que do ponto de vista teórico serve como provocação para pensarmos a obra *O sertanejo* de José de Alencar. No livro, a organização da fazenda existe em um sentido de grupo altamente fechado como presente no estudos de Gilberto Freyre, composto por uma família com uma identidade e que possui uma determinada característica que impede a entrada do vaqueiro. Esse tema se torna o eixo central do romance.

Para o vaqueiro a única forma de adentrar este grupo é mediante o seu esforço pessoal e seu enquadramento em uma determinada ética, ou seja, uma

espécie de honra. A honra aparece aqui como uma forma de se comportar tendo como principal foco, se ver justamente pelos olhos dos outros. Em outras palavras o principal julgamento parte de fora para dentro, ou seja, do social perante a subjetividade sentimental do indivíduo. É assim que ocorre com o comportamento do vaqueiro criado por Alencar, pois suas ações ou obrigações ocorrem de forma a agradar aos olhos do patrão enquanto seus sentimentos estão voltados para a filha do mesmo.

Assim agem os principais personagens de Alencar no livro. Entre uma tensão sentimental interna em confronto com uma ordem social que impede a sua realização mediante inúmeros elementos restritivos. São personagens que demonstram sua individualidade e tentam dentro de suas possibilidades, adaptarem suas ações para a realização de determinados objetivos nem sempre alcançados.

Desse conflito resultante aparece elementos da crítica romântica como o questionamento do status quo social, ou a idealização de uma nova forma para sua organização. Ao criar paisagens do Brasil, Alencar investiga ou esboça uma ideia de outras localidades no Brasil sem mesma conhecê-la, sendo fruto mais da sua imaginação do que de alguma outra fonte confiável.

É na cidade, no caso, o Rio de Janeiro onde o escritor cria e, sobretudo publica sua obra. Já é possível ser visto nela o impacto de novas ideias europeias que se acentuariam nas décadas de 60 e 70. Nesse caso a crítica romântica em Alencar age principalmente como uma inspiração para as mudanças que terão um maior importância sobre a geração de 1870 que de um lado herdará a crítica romântica, e de outro, dialogará com outros elementos da realidade brasileira.

É tendo como base as ideias do romantismo que Patrocínio viaja para realizar a cobertura da seca do Ceará. A degradação moral era o principal assunto de suas matérias sobre o tema, sobretudo após a chegada dos migrantes à cidade do Rio de Janeiro. É na imprensa que aparecia uma fonte de denúncias sobre o destino da ajuda enviada aos retirantes, e que alimentaria o imaginário carioca sobre o que ocorria no nordeste. Com o relativo aumento do problema e com uma duração maior da seca que o esperado, José do Patrocínio é enviado para realizar uma cobertura sobre o problema e enviar relatos aos leitores do Rio de Janeiro.

3.2

Escritores e a vida no Rio de Janeiro.

A retórica como um local de enfrentamento de ideias contrárias, de tensão e discussão teve nas páginas dos inúmeros periódicos do Rio de Janeiro o seu melhor local de expansão e efeito. Se pensarmos inicialmente na literatura são nos jornais que os primeiros romances são publicados em formas de folhetins diários. Nas palavras de Nélson Werneck Sodré tratava-se de "Era, realmente, a época dos homens de letras fazendo imprensa"⁴².

Dando prosseguimento a essa discussão podemos acrescentar a visão de Antônio Cândido sobre a literatura como um sistema. Em suas palavras haveria uma diferença entre literatura e as manifestações literárias, pois:

Literatura propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase. Estes denominadores são além das características internas, (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura espaço orgânico da civilização. Entre elas existem uma série de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem traduzida em estilos,) que liga uns aos outros⁴³

A opinião de Antônio Cândido é interessante para entendermos a realidade da produção das letras no contexto brasileiro do século XIX Imperial. São delineados pelo autor, e cabe-se de passagem citar, um sociólogo de formação que cria uma sociologia literária, a presença de um determinado número de critérios capazes de dar dimensão a toda uma dinâmica social das letras.

Trata-se de toda uma estrutura estável que mantém desde o escritor criador da obra em uma ponta da linha e que se estende até a outra, onde se encontra o leitor da história. A ideia de um sistema na literatura surge assim, mediante um código simbólico, do compartilhamento de experiências e ideias em comum de uma determinada cultura. Isso permitiria nas palavras de Antônio Cândido “a formação da continuidade literária – espécie de transmissão de tocha

42 SODRE, N.W., *História da imprensa no Brasil*. Pág. 30

43 CÂNDIDO, A. *Formação da literatura Brasileira*. pag 23.

entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto definido os lineamentos de um todo.”⁴⁴

Essa forma de abordagem permite recuperar traços em comum entre variadas obras, por um lado, e por outro mergulhar nas próprias características internas e estéticas da obra literária, estudando o que essa tem de mais peculiar e específico. Em outras palavras é possível a realização de um estudo que envolva os trâmites da relação entre escritor e público, neste caso o leitor da obra.

Podemos nos apoiar inicialmente nas próprias palavras de Cândido para pensar como essa relação se deu na realidade brasileira, pois segundo o autor “escritor e público definiram-se aqui em torno de duas características decisivas para a configuração geral da literatura: Retórica e nativismo, fundidos no movimento romântico depois de um desenvolvimento anterior”⁴⁵

A literatura surge assim como a produção de letras para um determinado público disponível que em sua maioria é formada por pessoas sem a capacidade de leitura. Na realidade da cidade do Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX, mesma como capital do poder político nacional o cenário era de poucos leitores.

Esse cenário apresentava desafios para o papel do escritor. Viver somente da produção de letras ditas ficcionais é uma missão praticamente impossível sem a existência de uma segunda fonte de renda. Surge assim o contato estreito entre o homem de letras e o estado ou com o mundo da política. Isso não necessariamente irá significar um apoio aos ideais difundidos pelo estado imperial, mas meramente um posicionamento político dentro da construção de uma nova realidade.

Em muitos casos no romantismo, inúmeros escritores tiveram uma relação direta com a máquina estatal, como no caso de José de Alencar que chegou a ser ministro da justiça e outros que chegariam a ser funcionários públicos como Machado de Assis. Se aproximando de uma visão defendida já por Antônio Cândido, segundo Luís Costa Lima era o mesmo que “Firmado o serviço à pátria pela atenção à sua natureza, pelo respeito aos dogmas do progresso, da religião e do estado-nação, o poeta romântico brasileiro da ausência de público para a

44 Ibid. pág 24

45 CANDIDO, A. *O escritor e o publico* . Pág 93.

página escrita, tornando-se funcionário público”⁴⁶

Entre o funcionalismo público e as páginas dos jornais como jornalistas foram os destinos mais conhecidos dos nossos escritores. Ao mesmo tempo em que a geração romântica flertava com o poder político ou com a máquina estatal, trabalhava com uma ideia de brasilidade, ou seja, de algo peculiar ao Brasil. O grande resultado foi a formação de todo um patrimônio pela qual se formavam paisagens e que foi incorporado de diversas formas pela geração que viria a posteriori e que pode ser chamada pelo epíteto de geração de 1870.

Nas palavras de Valdeir Lopes de Araújo, era impossível um caminho peculiar para o romantismo brasileiro, pois diferenciava-se dos dois principais modelos europeus, o francês e o alemão

no Brasil o culto romântico à natureza não poderia levar nem a interiorização crítica da subjetividade, nem a jornada formativa, pois sua tematização ao contrário do caso europeu está limitada aos aspectos materiais e retóricos, pouco inclinado à abstração e evasão.⁴⁷

De ambas as formas de representação da natureza, os escritores do romantismo brasileiro lidaram com um tipo de leitor específico e que simultaneamente podemos dizer que o formou e foi formado por ele. Se a retórica era uma das disciplinas elementares dos programas escolares do Império, a sua utilização como forma de convencimento e mesmo de exaltação sentimental é uma das marcas do romantismo. Mediante ela a crítica romântica permeava o âmbito cultural da escrita do Rio de Janeiro. É possível perceber nas páginas escritas dos folhetins, possivelmente por não mero acaso, posicionados próximos as notícias principais dos jornais. Além disso, havia a opção em muitos casos por uma escrita que lembrasse a pronúncia do português. Se retornarmos a Antônio Cândido vemos que

Esta tendência recebeu incremento do nacionalismo, propenso a assumir o tom verbal e mesmo verboso, que desperta a emoção. Formado sob a sua égide, o escritor brasileiro guardou sempre algo daquela vocação patriótico-sentimental, com que justificou a princípio a sua posição na sociedade do país autonomista, e logo depois independente; o público, do seu lado, sempre tendeu a exigí-la como

46 LIMA, L. C. Apud LOPES, Valdeir. *A experiência do tempo: Modernidade e historicização no Império do Brasil*. Pág. 44.

47 LOPES, V. *A experiência do tempo: Modernidade e historicização no Império do Brasil (1813-1845)* Pág. 38

critério de aceitação e reconhecimento do escritor. Ainda hoje, a cor local, a exibição afetiva, o pitoresco descritivo e a eloquência são requisitos mais ou menos prementes, mostrando que o homem de letras foi aceito como cidadão, disposto a falar aos grupos; e como amante da terra, pronto a celebrá-la com arroubo, para edificação de quantos, mesmo sem o ler, estavam dispostos a ouvi-lo. Condições todas, como se vê, favorecendo o desenvolvimento, a penetração coletiva de uma literatura sem leitores, como foi e é em parte a nossa.⁴⁸

Com isto, pode dizer que escrever literatura se aproxima da capacidade de comunicação oral. Assim podemos estabelecer uma relação direta da herança do romantismo com o autor do livro “os retirantes” José do Patrocínio da década de 1870, período anterior ao que ficaria marcado na historiografia como o pai do abolicionismo.

48 CANDIDO, A. *O escritor e o publico*. pág 91

3.3

Geração de 1870 e José do Patrocínio: Uma ligação pela literatura.

A década de 1870 para Patrocínio ainda é um período distante do momento dos grandes discursos públicos de incitamento na população para a causa do fim da escravatura que só teriam início com o discurso proferido em agosto de 1880 no teatro São Luís. Mas é nessa década, o momento de amadurecimento de um intelectual que se colocou sempre em confronto com causas públicas. Em seu primeiro romance publicado em forma de folhetim no *Gazeta de Notícias* em 1877, a temática central girava em torno de um fato verídico que resultou em uma pena de morte talvez injusta e que Patrocínio transformaria em romance com um tom altamente de protesto.

Antes disso em 1871, há cerca de três anos já estabelecido na cidade do Rio de Janeiro é publicado o primeiro texto de José do Patrocínio em uma página de periódico da cidade. Tratava-se do poema “A memória de Tiradentes” e o local de sua publicação o jornal “*A república*”, órgão ligado diretamente ao clube republicano formado apenas um ano antes. O texto do jovem Patrocínio possui um tom altamente elogioso ao grande símbolo adotado pelos republicanos de Tiradentes, o saudando como uma espécie de herói esquecido do Brasil.

O contato com o clube republicano pode ser considerado como decisivo na carreira do jovem intelectual. Primeiramente é o primeiro local que Patrocínio possui para expressar suas ideias publicamente em forma de palavras. E de outro é possível que tenha sido ali um dos momentos em que a escravidão tenha se amplificado como um grande tema dentro da alma do escritor.

Conforme o tema aparecia nos debates políticos do legislativo em direção de um arrefecimento da escravatura mediante a lei do ventre livre, o posicionamento do jornal *A república* parecia caminhar justamente em um caminho distinto, e levaria o poema em memória de Tiradentes ser o único texto do autor publicado naquelas páginas de imprensa.

Se observarmos esse poema publicado nas páginas desse jornal, podemos ver como estava presente em seus versos um posicionamento contrário a escravidão. A primeira justificativa para o posicionamento contrário surgiria ainda

em sua infância como aponto um texto autobiográfico de 1893. No poema a Tiradentes o autor expressa-se mediante o uso de versos altamente influenciados pela dinâmica romântica.

Ai! Vê, ó gênio dos livres !
 O nefando aviltamento
 DE um despotismo cruento
 Neste solo americano:
 Nas abas de um régio bronze,
 Ou seja escarnio ao revés,
 Os índios curvos aos pés,
 Aos pés dum rei ... dum tirano

(...)

E eu, que sou brasileiro,
 Direi ao mundo, altaneiro
 Que se mancharam-te a história
 Uma cruzada a lavara
 No sangue da raça inglória.
 E que esta nódoa gravara
 No peito de cada bravo
 Ódio, às algemas do escravo.^{49,,}

Publicado no mesmo dia da data do descobrimento do Brasil, ou seja, em uma data comemorativa para o império, o texto procura justamente apontar as principais mazelas do momento histórico vivido, começando pelo seu sistema político⁵⁰. A primeira estrofe destacada acima fala diretamente da estátua de Don Pedro I, inaugurada em 1862 por Don Pedro II e que ainda hoje se encontra na região central da cidade do Rio de Janeiro na atual praça Tiradentes.

O nome da praça só viria a ser modificado tempos depois em 1890 com a comemoração do centenário da morte de Tiradentes, e já com o advento do período republicano. O espaço, um ponto de referência importante no trajeto de enforcamento da figura de Tiradentes, personagem a ser rememorado e tornado

49 PATROCÍNIO, J. *Memória a Tiradentes* Jornal a Republica Tio de Janeiro 22/04/1871.

50 É interessante observarmos uma mudança de perspectiva em relação ao Império entre o jovem Patrocínio e o do período abolicionista, onde esteve ao lado da família real até o momento da sua partida Brasil. Esse apoio a monarquia se tornaria a causa de problemas para Patrocínio que com o advento da Republica em 15 de novembro de 1889 ao criticar ações do segundo presidente Floriano Peixoto, seria acusado de defensor da monarquia e encaminhado a um período de ostracismo no Estado da Amazônia. Para mais ver a biografia de Don Pedro II de José Murilo de Carvalho e do mesmo autor, a introdução para a coletânea de crônicas publicadas no Gazeta de Notícias.

símbolo dentro da nova república nascida no 15 de novembro de 1889.

A crítica da primeira estrofe gira em torno da própria iconografia presente na estátua. De grande altura, o primeiro monumento em bronze da cidade, mostra em seu ponto mais alto um Don Pedro I à cavalo, de forma imponente com o braço levantado e de olhar fixo no horizonte. Em cada uma das quatro direções, em sua parte inferior, a representação de um índio abaixado acompanhado de um animal. Respectivamente cada um dos indígenas é o nome de um dos grandes rios pertencentes ao Brasil.

Assim a estatua de Don Pedro I era um reflexo de caráter iconográfico do poder político imperial de um lado e de outro das paisagens e personagens que foram pontos centrais no romantismo brasileiro. E que pela posição de subalternos, ou mesmo de agachados na imagem desses últimos, demonstravam uma total submissão ao poder imperial. Ainda nos versos, as palavras de Patrocínio giram em torno de um vocabulário político iluminista, como nas utilizações da palavra “déspota” e “tirania”. Essas palavras concentram sua crítica não necessariamente na instituição política e sim principalmente no ocupante do poder.

A segunda estrofe destacada, é uma das últimas do poema e apresenta o olhar do jovem Patrocínio para outros problemas. Mantendo uma escrita ácida, agora surgem críticas de forma mais incisivamente sobre o problema da escravidão com o verso “Ódio, às algemas do escravo” e que se repetirá ao fim de todas as estrofes até o final do poema. É possível fazer uma aproximação com os versos de *Navio negreiro* publicados por Castro Alves e da qual possivelmente Patrocínio tenha tido contato. Além disso, nos versos anteriores, a retórica de Patrocínio já denunciava “E quando os vis mercenários; Raça torpe de sicários; Da nefanda escravidão”. É essa denúncia da escravidão que ganhará cada vez mais força nas palavras e menos apoio por parte do jornal *A república*. Restou ao jovem autor um distanciamento do grupo republicano, mas não de alguma de suas ideias e o começo do estudo acadêmico na área de farmácia.

Durante a formação no curso de farmácia Patrocínio retornaria ao tema da escravidão nos versos que seriam reunidos mais tarde pela Academia de Letras sob o título de *Ritmo Selvagem* e em alguns outros publicados no jornal estudantil

de nome *O lábaro acadêmico*. O meio estudantil era formado por jovens contaminados por variadas ideias, do republicanismo ao abolicionismo, e que liam não somente a literatura romântica brasileira, mas também de outros países, como por exemplo, os escritos de Vitor Hugo tão presentes em epígrafes dos versos de Patrocínio. Segundo Raimundo Magalhães⁵¹ Júnior as condições precárias do curso que oferecia poucas aulas em seus anos iniciais, era um estímulo ao consumo da literatura por parte dos estudantes. A isso se somaria um desejo de movimentação política que resultaria a muitos trilharem o caminho da imprensa anos mais tarde.

Dos anos da academia de farmácia, ficariam para José do Patrocínio os conhecimentos literários, políticos e amizades do que o próprio conhecimento aprendido durante as aulas. Anos mais tarde junto com seu amigo dos tempos universitários Demerval da Fonseca fundariam o periódico de nome “*Os Ferrões*” que se estenderia somente durante o curto espaço de tempo de primeiro de junho, a quinze de outubro de 1875. Assumindo os pseudônimos de Notus Ferrão (José do Patrocínio) e Eurus Ferrão (Demerval da Fonseca) as críticas carregadas de acidez e ironia procuravam atingir os mais variados pontos, do político ao social, do moral a cultura propriamente dita.

Com isto, Patrocínio vai cada vez mais expandindo sua capacidade de expressão escrita em diversas formas. Se primeiramente começou com o poema de crítica social no jornal *o Republicano*, passando pela publicação de pequenos textos críticos e de assuntos variados no jornal “*Os ferrões*”, escrevendo seus primeiros poemas em caráter mais lírico no início de 1877, e ainda realizando a narrativa de notícias em forma de versos, em sua curta participação no periódico *Gazetas métricas* da qual utilizou o pseudônimo de Nemo, possivelmente em homenagem ao personagem de Júlio Verne em vinte mil léguas submarinas conforme ressalta seu biógrafo Raimundo Magalhães.

Em 26 de fevereiro de 1877 saíria a primeira coluna intitulada Semana Política no jornal *Gazeta de notícias* e com ela nascia um dos pseudônimos que mais marcariam a imagem de Patrocínio, era o surgimento de Proudhomme. Segundo Raimundo Magalhães Júnior, é difícil explicar o porque dessa escolha,

51 MAGALHÃES JÚNIOR, R. *A vida turbulenta de José do Patrocínio*. Pág 26.

mas as hipóteses principais estariam inseridas sobre duas origens. A primeira como referencia ao personagem fictício de Henri Monier de nome Joseph Proudhomme e em segundo o real Pierre- Joseph Proudhon que foi um dos grandes críticos das ideias de propriedade na França.

Passando assim por diversos gêneros de escritas faltaria a Patrocínio somente um, o romance e da qual realizaria também no ano de 1877 com a publicação de *O mata coqueiro e a Pena de Morte* nas paginas da *Gazeta de Notícias*. O romance é baseado em um fato real ocorrido em 1855 na cidade de Macacu e que havia deixado inúmeras questões em aberto, mas sobretudo a possibilidade de condenação de um inocente a forca. Essa ideia se tornou o eixo central para a escritura do romance.

A recepção do romance foi positiva para Patrocínio, com a crítica favorável de Joaquim Serra no periódico “*Ao acaso*” que o considerava de forma que “revelou-se um romancista engenhoso e conhecedor de todos os efeitos dramáticos. Patrocínio é um moço de talento hors ligue e que há de ocupar lugar saliente entre nossos literatos ” ⁵². Houve uma identificação rápida do tema do romance com o público leitor, que meses antes conhecia o tema graças ao que havia sido publicado nas páginas do próprio jornal onde Patrocínio trabalhava.

A publicação de uma carta no jornal, em que supostamente uma pessoa assumia o crime ocorrido em Macacu e que inocentaria o real o acusado Mota Coqueiro, por fim demonstrando o erro do judiciário e as mazelas da forma de punição da pena de morte, foi sua principal fonte de inspiração. O romance foi um sucesso, e inovava em sua forma de narrar tendo a história contada em forma de rememoração, tendo início pela morte de Mota Coqueiro e o retorno ao passado como desenvolvimento do enredo. O sucesso nas vendas resultaria em uma publicação em forma de livro que poderia ser comprado junto com o periódico da *Gazeta de notícias*.

A publicação levaria a comentários e aproximações com a imagem de Machado de Assis que simultaneamente publicava seu quarto romance *Iaiá Garcia* aos quarenta anos e que já era um escritor dotado de respeito. A revista *semana ilustrada* de dois de fevereiro de 1877 chegaria a publicar, além de poema

52 SERRA, Joaquim Apud MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *A vida turbulenta de José do Patrocínio*. Pág 60

em forma de anúncio, um trocadilho com os títulos dos livros, em nota de caráter humorístico assinada por Frei Fidelis, é anunciado que iria ser lançado um romance de “Iaiá Coqueiro” de Patrocínio Coqueiro e Machado Garcia nos próximos dias.

Assim José do Patrocínio, começaria a ocupar espaço como um dos grandes expoentes da chamada geração de 1870. Talvez a melhor definição inicial para este grupo, seja a proposta por Machado Neto, que a demarca como um grupo que dava seus passos em variadas esferas da escrita no limiar dos anos de 1869/1870 e que a chamou de república das letras.

O ano de 1870 aparece como singular, um encontro de vários questionamentos começariam a partir dali a ganhar uma voz crítica e um discurso mediante palavras, que ficou marcado no epíteto de “República das letras”. Eram novas ideias que absorviam os conhecimentos resultantes do período anterior do romantismo e os articulava com outros levando a uma nova perspectiva, sobretudo da ideia de Brasil. Se antes o romantismo foi capaz de criar paisagens do Brasil, lhe dando uma imagem e algo que fosse capaz de lhe imputar um sentimento de nacionalismo, a mudança agora caminhará para algo que deveria ser questionado e criticado mediante uma nova visão. Em outras palavras era uma época de se apontar os problemas ou de realizar diagnósticos e avaliações.

A década 1860 apresentava os desgastes de antigas visões e diversas fraturas na realidade brasileira. O conflito da guerra do Paraguai revelava um exército que mesmo vitorioso no campo de batalha, era pessimamente organizado e mal pago. O clero via com desconfiança o poder da maçonaria e teve na questão dos Bispos a exposição de suas visões e fraturas internas. O abolicionismo ganhava novas discussões e cada vez mais espaço no mundo intelectual brasileiro e o próprio republicanismo com seu manifesto em 1870, se transformaria em fontes e desenvolvimentos de novas ideias.

Em seu livro *A ideia Brasileira de ilustração e a ideia de universidade*” o sociólogo Roque Spencer utilizando-se de uma metodologia de estudo da história das ideias considera que “Poder-se-ia dizer que o império terminara em 1870: desde então as novas ideias exigiam uma forma de governo, mais consentânea, com as aspirações de liberdade: Mais “moderna” em relação ao

espírito científico”⁵³. Para este autor a geração de 1870 foi uma espécie de iluminismo brasileiro, da qual, se identificava com a ilustração do século XIX europeia, mas que se diferenciava por dar uma valorização ao papel da história. Junto a isso o autor traça os caminhos de como as ideias que então circulavam na Europa sob a influência de nomes como Darwin, Spencer e Comte chegariam a circular no Brasil.

Se retornarmos ao livro de Machado Neto, em seu título *Estrutura social da República das letras (Sociologia da vida intelectual Brasileira- 1870- 1930)* já revela parte dos objetivos da pesquisa propostos pelo autor. Apoiando-se na chamada sociologia do conhecimento de influência alemã, o sociólogo procura recuperar a dinâmica do que era o universo das letras no Rio de Janeiro desse período, seus grupos, seus círculos sociais, conflitos internos e todo um universo cultural que os cercava. O caminho explorado pelo autor parte do mundo escrito, das críticas propriamente literárias para a dinâmica cultural e social como um todo. Nesse universo surge o personagem de José do Patrocínio em diversos momentos e com variadas facetas. Surge um lado do intelectual que fica obscurecido por uma série de abordagens que valorizam somente seu papel dentro do abolicionismo. O lado empresarial como dono de um jornal, ou mesmo das relações de trabalho dentro deste, além das relações entre diversos integrantes da chamada “república das letras” ou mesmo dentro de suas divisões internas. A “república” analisada nesse estudo acaba por demonstrar como era a relação entre cidade e esses intelectuais e como essa se estendeu para além do fim do Império, chegando até o período da primeira guerra mundial.

Em outro livro importante sobre o tema de nome “*Ideias em movimento: A geração de 1870 na crise do Brasil Império*” a socióloga Ângela Alonso analisa como as ideias de grupo de intelectuais acabariam por minar as bases do império brasileiro. Concentrando sua análise sob o aspecto político deste grupo, a autora buscou entender como algumas concepções como do então liberalismo, entrariam em tensão com a realidade encontrada no território brasileiro. Se essa obra for pensada em comparação com a de Machado Neto citada anteriormente, as diferenças estão na opção por este em estudar o mesmo universo intelectual, a

53 SPENCER. R. *A ideia Brasileira de ilustração e a ideia de universidade* pág 7

partir da produção de letras e tendo como cenário a cidade Rio de Janeiro.

Seria possível estabelecer a opção por parte de Ângela Alonso por uma ênfase nos aspectos que foram mais restritos ao campo político que influenciaram na derrubada do Império em novembro de 1889. Nesse caso, talvez pelo limite temporal do trabalho, a imagem de José do Patrocínio aparece no livro como ligada meramente ao movimento abolicionista na década de 1880, e se pensarmos na década anterior, o maior destaque dado pela autora aparece no contato desde com as ideias republicanas.

Por fim nas palavras de um dos representantes da geração de 1870, era possível perceber que havia algo estranho no ar, e que não se sabia se isto seria algo bom ou mal. Foi uma geração que reviu criticamente o que havia sido construído anteriormente, localizando problemas e apontando e experimentando novas ideias nos mais variados ramos. José do Patrocínio foi um dos seus principais integrantes, um pouco mais jovem, cerca de dezesseis anos que um dos grandes expoentes Machado de Assis soube inovar em variados aspectos. Homem movido as paixões como salienta José Murilo de Carvalho⁵⁴, sempre esteve em busca de algo, ou talvez de um alvo novo que lhe fosse capaz apontar sua crítica e foi assim que aceitou o convite para viajar ao nordeste para realizar uma cobertura sobre a seca que atingia a região na década de 1870. No ponto de vista material, podemos apontar que o resultado foi uma série de reportagens e posteriormente um romance. Mas talvez outras características tenham aparecido ou amadurecido na mente do autor após a viagem.

4

A viagem na escrita.

4.1

Apresentação

Um dos maiores livros da literatura brasileira *Os sertões* de Euclides da Cunha foi feito após uma viagem do autor para realizar a cobertura de um conflito armado no sertão da Bahia, mais especificamente na região de Canudos. Ao deixar o Rio de Janeiro, o jornalista partia com a ideia de realizar uma investigação, levando em sua bagagem não só anotações, mas todo um mundo de referências culturais que foram pouco a pouco desmontando-se até praticamente se tornar algo tangencial dentro da escrita do livro.

O livro *Os sertões* foi publicado em 1902 e viraria uma referência canônica em nossa literatura por ultrapassar esferas acadêmicas, pois ao mesmo tempo possui um diálogo forte com outras disciplinas das humanidades como história, sociologia e geografia e além disso se tornaria uma das grandes obras formadoras de imagens sobre o sertão sendo acompanhado mais tarde de outras obras de nomes como Graciano Ramos e de Guimarães Rosas. É indiscutível o valor dessa grande obra sobretudo em um momento em teses que acreditavam na superioridade de uma raça perante outras.

Mas antes disso, cerca de trinta e quatro anos e para ser mais preciso no ano de 1878, José do Patrocínio inauguraria em nossa literatura uma nova imagem do nordeste em sua obra *Os retirantes* e que perduraria por quase todo o século XX e presente no nosso imaginário cultural até a atualidade. Antes dessa publicação o livro *O sertanejo* de José de Alencar, já contava uma história que se passa no Ceará, província de origem do escritor e que utilizaria em seu romance de uma representação positivada da natureza, em muito proveniente da estética romântica.

O sertão do Ceará para José do Patrocínio é muito diferente do criado por José de Alencar. De uma natureza exuberante e de seres humanos que parecem seguir rigidamente um código moral da civilização ocidental pode ser observado no romance de Alencar, já em Patrocínio é justamente o inverso, a natureza que

era acolhedora antes se torna traiçoeira e o ser humano é constantemente visto como um ser declinado capaz de realizar coisas inimagináveis. Em outras palavras em ambos escritores, a uma profunda diferenciação do que venha a significar as categorias de ser humano e natureza.

Ambas as obras possuem processos criativos diferenciados. Na obra de Alencar havia uma idealização e uso da imaginação em sua criação e que poderia sofrer uma tensão com valores que poderiam estar distantes da realidade que ele quis representar. Tratava-se de um interior do Brasil que era mais idealizado do que conhecido pelos moradores dos grandes centros. O livro foi uma de suas últimas obras a serem escritas sendo publicada em 1875, e da qual é possível estabelecer inúmeros pontos de contatos com outros de suas romances, em critérios como na forma de representar a natureza ou mesmo na construção de seus personagens.

Em Patrocínio o caminho criativo seria outro. Tendo o romantismo como base de influência cultural e aprendizado, a este seriam incorporados outros elementos que são visíveis em seu trabalho. O romance é resultado da inspiração resultante de uma viagem realizada a cidades do nordeste, sobretudo ao Ceará para uma cobertura dos estragos da seca de 1877 a 1880. Desde os primeiros meses da catástrofe, inúmeros migrantes chegariam a cidade do Rio de Janeiro, e cada vez mais a imprensa denunciava os maus usos empregados aos donativos da seca.

O debate sobre o problema da seca se espalharia e invadiria a esfera política sobre o papel desempenhado pelo imperador em suas decisões na forma de minimizar o problema que atingia o nordeste. No campo das ciências os debates desenvolvidos na escola politécnica pretendiam envolver soluções técnicas tanto sobre novas formas de irrigação, quanto uma discussão que envolvesse causas e desdobramentos do clima seco que provocava a calamidade social.

No meio social a imprensa cobria o fato despejando críticas em vários alvos, sobretudo na administração imperial. A seca se tornaria um problema altamente politizado e a cobertura dos fatos não se importaria com as origens das notícias. Com isto, a convite da *Gazeta de Notícias* da qual trabalhava, José do

Patrocínio recebe a tarefa de realizar uma cobertura jornalista em seu local de ocorrência no nordeste e verificar como estava sendo aplicados os recursos de um crédito de quatro mil contos que o gabinete liberal de 5 de janeiro de 1878 destinara.

Segundo um de seus biógrafos, Raimundo Magalhães Júnior, havia um outro motivo para a viagem, não seria um que o levasse somente a conferir a situação da calamidade da seca, mas sim de se distanciar da cidade do Rio de Janeiro e este se baseava nos sentimentos que mantinha por Maria Henriqueta uma antiga e jovem aluna que possuía catorze anos em 1874 e que era filha de Capitão Emilianio Rosa de Sena, homem que lhe havia oferecido abrigo e trabalho quando Patrocínio passava por dificuldades no momento posterior a saída da escola de farmácia.

Por necessidade de fuga sentimental ou por questões da profissão jornalística Patrocínio viaja ao Ceará e produz uma serie de reportagens, algumas publicadas no jornal O besouro e a maioria publicada durante maio e setembro de 1878 no Gazeta da Tarde na coluna de nome “viagem ao norte”. Antes mesmo da partida o tema da seca já tomava conta das colunas do escritor, que ao falar dos retirantes que chegavam ao Rio de Janeiro, ressaltava a perda de traços morais como “a profanação dos mais castos sentimentos conjugaes”, “scenas de lamentosa anormalidade desdobradas pelos caminhos na promiscuidade extenuadora do infortúnio” e que aumenta de ênfase quando menciona a características relacionadas ao sexo feminino quando diz “a virgindade soffrendo em seu pudor”⁵⁵. Essas e outras características e temas retornaram mais tarde em suas reportagens e na construção dos personagens presentes no seu romance.

O que chama mais atenção nessa reportagem antes da viagem de Patrocínio é o seu olhar humanitário perante os “retirantes” que chegam ao Rio de Janeiro. Em artigo sobre a abordagem da Seca por Patrocínio tanto no romance quanto nas matérias jornalísticas, o historiador Frederico de Castro Neves chama a atenção para dois pontos na visão de Patrocínio que ficam expressos no texto de sua reportagem:

55 PATROCINIO, J. Coluna A viagem Jornal O Besouro, Rio de Janeiro, 04.05.1878

1. os problemas gerados na estrutura social por um fenômeno climático de intensa gravidade; 2. o aviltamento moral próprio do processo de urbanização. Ao retirar-se do campo, o homem pobre do sertão cearense não somente se desliga de um mundo conhecido e estável⁵⁶

Dando prosseguimento a sua argumentação, para Frederico Neves a visão do interior ainda era algo resultante do romantismo que o considerava como portador de uma virtude que havia se perdido nos grandes centros urbanos. Para exemplificar seu argumento o historiador retoma a forma como José de Alencar representa em “O sertanejo” uma sociedade em que a moral e a tradição estariam baseadas em antigos critérios como a predominância de nomes de famílias ou mesmo da cor dos seus integrantes. Seria a representação clássica de uma mentalidade senhorial.

A imagem do interior do Brasil construída pelo romantismo ao mesmo tempo em que havia sido uma espécie de refugio seguro estável contra as grandes mudanças dos centros urbanos para alguns, começara a diluir-se com a viagem de Patrocínio até praticamente esvaziar-se com a publicação do romance. Se Euclides da Cunha, pela qual, abrimos este texto perceberia isso no início do século XX em Canudos no sertão da Bahia, José do Patrocínio experimentaria isso em 1878 ao partir do Rio de Janeiro rumo ao nordeste. Nesse caso é possível aproximar ambos como pertencentes da mesma geração de 1870, que buscariam criticar o Brasil, diagnosticando seus problemas, e entre eles, pensando a relação que o país possuía com o seu interior, e no caso de ambos com a fronteira do sertão que entraria justamente em tensão com a chamada modernidade presente nos centros urbanos do litoral.

A viagem para o nordeste duraria cerca de três dias em um vapor partindo do Rio de Janeiro. Tempo suficiente para que Patrocínio forjasse suas primeiras aspirações sobre o que esperaria mediante as conversas ouvidas no barco. Em sua primeira reportagem ele diria logo em seus primeiros parágrafos “A narração desses horrores, sintetizou todas as conversações que ouvi durante os três dias de viagem, sínteses que impressionou-me profundamente.”⁵⁷. A escrita dessa reportagem parece justamente ser arquitetada em uma lógica de crescente tensão

56 Neves, F. *A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará* pág 5
 57 PATROCINIO. Viagem ao norte . Rio de Janeiro. Gazeta de Noticias 20 /07/1878. pág.1

por parte do narrador de forma a prender a atenção do leitor e também de mostrar toda sua indignação com o que estava a presenciar.

A primeira metade da narrativa gira justamente em torno de boatos e impressões externas, mas que ao desembarcar na província da Paraíba ganham uma camada de realidade quando todas as expectativas sobre os males da seca parecem se encontrar na imagem de um menino que passava fome e que Patrocínio narra da seguinte forma

Estava sobre uma calçada estirado a porta de uma venda um rapaz que teria catorze anos. Infiltrava-o inchação monstruosa, dando-lhe amarelidão da oca. Cobria andrajos sórdidos e imobilizava o torpor da inanição.

Acercando eu e outros companheiros e perguntamos se o infeliz porque não se recolhia ao hospital

- Não nós mandam para lá, nem há hospital para gente como, sou retirante. Os meus companheiros vivem como eu, até que sua hora é chegada.

- E porque não vai para a sua casa ? Estaria ao menos abrigado.

- É o mesmo de estarmos aqui. E dormimos debaixo de pés de pau. O lugar onde durmo fica distante daqui e não tenho forças para subir a ladeira. Há já quatro dias que não como!

A fraqueza da voz , decomposto da fisionomia, certificávamos que falávamos com um moribundo ... e a vizinhança do tumulto impõe o amor à verdade.

Um dos meus companheiros apressou-se a socorrer o desgraçado e trouxe-lhe algumas bolachas e um pouco de vinho com água e açúcar.

O misero ergueu-se tremulo sobre os punhos, e escancarou a boca avida, e quando encostaram a parece, queria engolir tudo de uma vez. Em vão quiseram obrigá-lo a guardar metade da provisão, comia, comia sempre.

Deixamo-lo entregue a glotonice, filha da miséria. Se este socorro não fosse por acaso encontrá-lo, com certeza, até a noite, teria expirado aquele desventurado cidadão e crente, sem um conforto, sem um leito se quer, trocando o derradeiro olhar com a sua desgraça e tendo por únicos assistentes os uivos dos cães vadios e o brilho das estrelas indiferentes, repetiram-me impertinentemente que ainda restava-me mais para ver.⁵⁸

Pensando no epíteto que marcaria grande parte do temperamento de José do Patrocínio, o de estar sempre “com o coração nos lábios”, essa menção pode ser percebida nessa narrativa ao não economizar fortes palavras e de procurar dar a descrição detalhista tanto da situação física do jovem, quanto da impressão deixada em si com a cena. A situação do ponto de vista humano era degradante e enquanto no aspecto político é caótica. Aqui parece surgir um elemento que se repetirá mais tarde no romance, que é um sentimento de tragicidade da qual não há escapatória em meio aos desígnios da seca.

58 Idem ibidem.

Junto a essa primeira narrativa haveria de ser publicada pela primeira vez na imprensa brasileira imagens fotográficas feitas por J. Ferreira e transpostas para o jornal *O besouro* em forma de litografia por Rafael Bordalo. O sofrimento da seca ganhava assim uma imagem real de rostos de dois garotos sem roupa, magros e com o contraste de possuírem barrigas inchadas por doenças no estômago. Abaixo aparece a imagem de uma mão em forma de ossos, simbolizando a morte, segurando as duas imagens e apontando o provável destino final dos pobres flagelados. Acima está colocada uma manchete com os dizeres “Para o Sr Majestade, O Sr Governador, e os senhores fornecedores verem”.

Essas imagens seriam um dos primeiros trabalhos do fotojornalismo brasileiro, e possivelmente causou impacto em uma quantidade maior da população que era composta em sua grande maioria por pessoas iletradas. Por outro a ferramenta da imagem era um dos símbolos da modernidade que adentrava o território brasileiro. Em seu texto sobre a obra de arte e a reprodutibilidade técnica Walter Benjamin faz uma análise do impacto da litografia e consequentemente do aparecimento da imagem fotográfica.

Com a litografia, a técnica de reprodução atinge uma etapa essencialmente nova. Esse procedimento muito mais preciso que distingue a transcrição do desenho numa pedra de sua incisão sobre um bloco de madeira ou uma prancha de cobre, permitiu às artes gráficas pela primeira vez colocar no mercado suas produções não somente em massa, como já acontecia antes, mas também sob a forma de criações sempre novas. Dessa forma, as artes gráficas adquiriram os meios de ilustrar a vida cotidiana. Graças à litografia, elas começaram a situar-se no mesmo nível que a imprensa. Mas a litografia ainda estava em seus primórdios, quando foi ultrapassada pela fotografia. Pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que agora cabiam unicamente ao olho. Como o olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a palavra oral.⁵⁹

Nesse caso Benjamin aproxima fotografia e fala pela rapidez do impacto provocado. Assim podemos aproximar à capacidade da fotografia a possibilidade de persuasão semelhante a um argumento encadeado em uma lógica retórica. Para Patrocínio que realizava uma crítica contra ações do governo, a fotografia, um dos grandes elementos da modernidade serviria de valioso instrumento. Em cada uma

59 Walter Benjamin *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Pág 197.

das matérias enviadas ao Rio de Janeiro um novo elemento era abordado de forma a causar indignação nos leitores, mas o semblante dos pobres meninos permaneceriam no imaginário dos leitores. Na segunda carta o principal tema foi a prostituição, na terceira a situação das instalações que recebiam os retirantes que vinham do interior da província. No total são cerca de dez matérias enviadas ao Rio de Janeiro que demonstram a precariedade da situação humana da situação e as medidas insuficientes para solucionar o problema. Inúmeros elementos presentes nas cartas serviriam de inspiração para a escrita do romance “Os retirantes” que começaria a ser publicado no ano seguinte.

4.2

Os retirantes

No momento da publicação do romance “*Os retirantes*” em forma de folhetim no ano de 1879 a literatura ainda era um gênero apreciado por poucos leitores. Nas páginas dos jornais eram posicionados capítulos de romances geralmente em um espaço reservado ao fim da primeira página, bem abaixo das principais manchetes. O jornalismo produzido no período imperial da segunda metade do século XIX, pode ser posicionado como pertencente a duas vertentes genéricas, de um lado um jornalismo de opinião e de outro um jornalismo meramente informativo.

O jornalismo atua em uma zona limítrofe entre divulgar um fato e posicionar-se sobre algum problema. Uma divisão semelhante pode ser posicionada para a literatura, em que se poderia situá-la em uma esfera da imaginação ou da diversão para o leitor e simultaneamente em um campo ligado a área da reflexão. Os romances de Patrocínio giram em torno desses dois lados, uma literatura que ao ficcionalizar dados inspirados na realidade tenta provocar uma discussão de aspectos mais amplos da cultura do seu período.

Investigar a literatura do século XIX, sobretudo pelo viés cultural, onde o que importa, são os elementos representativos em contraposição do verdadeiro e do falso da história política, é atuar em uma situação intermediária entre a história e a literatura. Ao se fazer literatura, simultaneamente está se escrevendo a história da sociedade brasileira. A passagem abaixo de José Luís Jobim nos ajude nessa pequena problemática inicial, pois o autor lembra que externamente a produção do livro de literatura em si a toda uma dinâmica que lhe imputa sentido e que consequentemente pode ser estudado pela disciplina da história.

a atividade investigativa demanda previamente a existência de uma representação de literatura. Isto significa dizer que, antes mesmo de produzirmos em um determinado momento histórico uma atribuição de sentido à literatura, já temos um horizonte anterior a esta atribuição⁶⁰

60 JOBIM, J.L., *Literatura horizonte e historia* Pág. 142

Um cuidado a ser tomado é o de mencionar que o fato de história e literatura estarem intimamente ligadas entre si, não significa uma cópia direta da realidade para as páginas da literatura. Existe toda uma dimensão ficcional na obra literária que não deve ser descartada, onde o autor mediante um processo de mimeses capta momentos da realidade e o transforma em arte. Assim o autor no ato da criação literária pode ser explicado na definição proposta por Luís Costa Lima como “*sempre uma tensão no agente, entre o que ele capta da realidade, e o que ele espera da mesma...*”⁶¹.

Após este pequeno preâmbulo metodológico, a obra *Os retirantes* dialoga diretamente com a crise humanitária provocada pela seca de 1877 ocorrida na província do Ceará e que perduraria por mais de três longos anos. Inúmeros retirantes deixavam para trás toda uma vida ligada à lavoura e caminharam em direção à capital Fortaleza, que chegou a quintuplicar⁶² o número de habitantes no período. A situação se tornaria ainda pior com a chegada de retirantes à outras cidades do nordeste e inclusive ao Rio de Janeiro então capital do Império.

O aguçamento da curiosidade da opinião pública, levava os jornais do Rio de Janeiro a enviarem jornalistas para cobrirem de perto a situação da seca cearense, entre eles incluía-se José do Patrocínio. Antes de partir, o jornalista em artigo publicado no jornal *O Besouro*⁶³ já apresentava uma visão crítica sob a degradação moral sofrida pelos retirantes que chegavam ao Rio de Janeiro. Mas o que também chama atenção neste ponto, é o fato de no mesmo artigo a capital do império ser considerada como um local de “*todos os vícios do mundo*”. O aspecto urbano ainda era visto como algo negativo em contraponto ao interior idealizado.

Contudo, as palavras de Machado de Assis no artigo *Instinto de Nacionalidade* publicado em 1873, são sábias tanto por falar do romance brasileiro, quanto por corroborar sobre a interpretação do interior. Possivelmente essa diferenciação se deve ao impacto da modernidade nos grandes centros, o que resultava em uma tensão com a tradição local, e em uma recriação da mesma.

61 LIMA, L. C., *O fingidor e o censor no ancien régime, no iluminismo e hoje*. Pág.294

62 Cf. Rodolpho Theophilo, *História da Seca do Ceará (1877-1880)*, Rio de Janeiro, Imprensa Inglesa, 1922; Frederico de Castro Neves, “A ‘Capital de um Pavoroso Reino’: Fortaleza e a seca de 1877”, *Tempo*, Niterói, v. 5, nº 9, 2000, p. 93-111

63 PATROCÍNIO, J. *Viagem ao norte*. O Besouro, Rio de Janeiro, 04.05.1878. pág 2

Aqui o romance, como tive ocasião de dizer, busca sempre a cor local. A substância, não menos que os acessórios, reproduzem geralmente a vida brasileira em seus diferentes aspectos e situações. Naturalmente os costumes do interior são os que conservam melhor a tradição nacional; os do país, e, em parte, os de algumas cidades muito mais chegadas a influência europeia, trazem já uma feição mista e ademais diferentes ⁶⁴

Essa visão de Machado de Assis sobre a diferenciação do ponto de vista cultural do interior e dos grandes centros, pode possuir alguns contatos com interpretações apresentadas anteriormente da viagem ao Ceará de José do Patrocínio sobre as tensões da modernidade na cidade do Rio. A primeira um posicionamento crítico frente à problemas já existentes no Rio de Janeiro, que não ficam explicitamente claros quais os seriam, mas que podemos enquadrá-los por serem da ordem social. Em segundo lugar, uma visão romantizada do personagem típico do sertão, como uma espécie de portador da “boa” moral, que havia sido “perdida” nas grandes cidades.

Se retornarmos ao artigo já citado anteriormente sobre o livro *Os retirantes*, do professor Frederico de Castro Neves oferece uma hipótese de trabalho interessante:

Nesta visão idealizada do mundo rural, parece estar presente a obra de José de Alencar (1829-1877), *O Sertanejo*, publicada três anos antes. Neste romance, a vida no campo caracteriza-se pela lealdade (dos pobres) e pela proteção (dos ricos), marcas de um paternalismo que iria garantir a estabilidade desta sociedade tradicional, cujos conflitos aparecem como rixas pessoais entre vaqueiros ou grandes proprietários, em que está em jogo, invariavelmente, a defesa da honra pessoal ou familiar. ⁶⁵

Segundo esta hipótese as personagens presentes no livro *Os retirantes* seriam uma espécie de corruptela dos tipos ideais protagonistas dos romances de José de Alencar. É como se neste, a idealização forjasse indivíduos morais enquanto que para Patrocínio, ao retornar da viagem ao Ceará, esta moral estivesse totalmente perdida, não só pela fatalidade da natureza, mas também pela perda dos laços da terra. Ao lado disso, a discussão da moral de cada personagem me parece muito mais complexa do que em um sentimento somente de perda.

64 ASSIS, M. *Instinto de Nacionalidade* in HÉNAUX, Victor. *Queda que as mulheres têm para os tolos*. Campinas: Edunicamp, 2008.

65 Op cit pág. 64.

Os personagens de Patrocínio em uma opinião preliminar, se apresentam móveis em suas personalidades. Alguns deles mantém um perfil estável durante todo romance, mas outros não, onde a corrupção moral varia conforme o interesse e mesmo a necessidade. Em outras palavras alguns personagens possuem uma plasticidade maior do que em outros.

Nesse caso, a perda da moral reinante e o enfraquecimento da coesão social, parecem abrir as portas para especulações da dimensão interna dos personagens por parte de Patrocínio. Mesmo com o narrador observador servindo de condutor ao leitor, em alguns momentos existem pequenas dúvidas sobre o que estaria acontecendo com os personagens.

As estratégias de sobrevivência em uma situação adversa como o da seca podem ser considerados como o fio condutor central da narrativa, mas se pensarmos sobre uma intencionalidade maior do autor, como bem lembra Umberto Eco⁶⁶, mas de uma presença na narrativa, o que impressiona são as ausências que possivelmente Patrocínio queria denunciar. O papel do Estado é quase imperceptível durante todo o romance ou representado em comunhão com a igreja, que é apresentada como produtor mais de corruptos do que de virtuosos, e no meio deste imbróglio surge uma sociedade desamparada, e simultaneamente manipulável.

Esse ponto, pode ser ampliado se pensarmos a partir de uma outra frente, a das críticas e embates resultantes das ideias que circulavam na chamada geração de 1870, da qual José do Patrocínio fazia parte. Com o advento da segunda metade do século XIX novas ideias e interpretações do liberalismo e também novas descobertas no mundo das ciências são realizadas na Europa e desembarcam no Brasil. A recepção dessas ideias por uma série de intelectuais, da qual faço uso do epíteto utilizado por Roque Spencer, de ilustração, resultam em inúmeras inovações e questionamentos, mas o elo central que me interessa, é justamente a contraposição a este sistema novo de ideias, o pensamento conservador, devidamente caracterizado no papel da igreja católica.

De um lado, uma mentalidade renovadora que procura a construção de

66 ECO Umberto. *Interpretação e superinterpretação*.

uma nova nação e a reforma do Estado, e do outro lado, uma forma de mentalidade que tem por objetivo a manutenção do status quo e da relação estreita que possui com as instituições de poder. Desse conjunto de ideias, a grosso modo, polarizadas, é que podemos supor que inúmeras questões possam ser localizadas no desenvolvimento da narrativa do livro *Os retirantes*.

Uma das personagens centrais, é a autoridade religiosa, da cidade cenário da obra, B.V., o vigário de nome Paula, que age na maioria dos momentos, seguindo o seu próprio interesse, em contraposição aos da sociedade. Além da esfera do pessoal o autor, amplia a discussão para um problema de ordem institucional, ao posicionar o padre anterior ao vigário, como também um desvirtuador da moral, ao engravidar a filha de Joaquim, fato que levou a loucura do personagem e a total destruição familiar.

A outra figura central é Eulália de personalidade controversa, composta por uma interioridade dividida entre a razão de discernir o certo e o errado, e uma grande motivação emocional. Ao longo do livro inúmeras situações irão provocar novos posicionamentos, alguns até inesperados, se pensarmos na personagem na fase inicial do livro. Como adendo, pode-se mencionar, que a personagem Eulália, já aparecia em outros escritos de José do Patrocínio, como em poemas publicados em jornais. Nesses versos fica claro uma idealização de Eulália, uma mulher portadora de grandes virtudes, e que retorna no livro *Os retirantes* justamente para para serem testadas perante um infortúnio maior.

Um de seus biógrafos, Raimundo Magalhães Júnior estipula a possibilidade de a personagem Eulália ter sido inspirada na imagem de Maria Henriqueta por quem Patrocínio possuía sentimentos e que não poderia concretizá-los até um período posterior ao seu retorno do Ceará. Segundo outro biógrafo chamado Oswaldo Orico a principal causa dessa impossibilidade seria a cor do jornalista pois “O capitão Sena, em quem ardiam os zelos do sangue azul, levantou como barreira ao casamento o preconceito de cor”⁶⁷. Retornando a biografia de Raimundo Magalhães essa impossibilidade seria o motivo para a publicação de inúmeros poemas em jornais o que aumentaria o incomodo por

67 ORICO, Osvaldo. *O tigre da Abolição*. 1977 Pág 63.

parte de Capitão Sena. Em um deles de título Maria teria escrito:

“Suave clarão de crença,
de ternura e idealismo
Que viver – noite densa
Costelas mago asterismo

No teu olhar se condensa
Indefinido eletrismo,
Que inunda de luz imensa
As trevas do meu abismo
(...)
E só por te ouvir Maria
Espero no meu calvário
A ressurreição do amor ⁶⁸

No momento da publicação desse poema, Patrocínio não mais morava na casa do Capitão se mudando para uma rua próxima ainda no bairro de São Cristóvão. Os versos do poema são estruturados em uma antítese de forma que as características presentes em Maria sejam positivadas e articuladas a uma ideia de luz, em contraponto as características ligadas a escuridão que está presente no narrador. Enquanto em Maria são utilizadas as expressões “suave clarão” e “luz intensa” o narrador seria o portador de “noite densa” e “abismo”. É possível pensar que nesse caso, entre tantos sentidos possíveis, que o jogo entre luz e escuridão poderia estar relacionado a questão de cor que impediria Patrocínio de se aproximar de Maria Henriqueta. A tensão no poema também retrata a salvação do narrador mediante a figura da pessoa amada, que é personificada como uma figura divina. Todo o vocabulário remete ao universo religioso desde a escolha do nome título de “Maria” passando por palavras que podem ser interpretadas como metáforas da antítese céu versus inferno, e chegando a última estrofe a ideia de ressurreição o que significaria uma superação da morte.

A religiosidade é um ponto central dentro do romance. O livro tem sua primeira e última cena, ligadas ao universo da fé. A primeira cena tem início com o término de uma missa e a promessa de uma procissão na parte da tarde. A última, começa ao fim de uma cerimônia de casamento e do prosseguimento a cena final em uma praça pública. A primeira ocorre em uma cidade do interior, enquanto que a segunda em uma cidade maior no caso, a capital da província do Ceará a cidade

68 PATROCÍNIO, J. *Maria*. Rio de Janeiro. Gazeta de Notícias 8/03/1878.

de Fortaleza. De uma cena a outra é que ocorre toda a narrativa da trama que toca no tema religiosidade constantemente.

Na construção da personagem do Vigário Paula, o autor faz justamente uma ironia com a visão social do senso comum sobre a figura religiosa do sacerdote. Se para o senso comum a igreja significava um conjunto de valores nobres e éticos, para a geração de 1870 sobretudo para os jovens dessa, a instituição católica era portadores de valores ultrapassados. No caso particular de José do Patrocínio essa articulação ganha intensidade na narrativa de sua vida pessoal. Em todas as biografias, à uma tentativa de articular o personagem do Vigário Paula ao anticlericalismo do autor nascido por ódio ao próprio pai, vigário da cidade de Campos. Em artigo autobiográfico publicado na *Gazeta da Tarde* em 29 de maio de 1884 ele se referiria ao seu pai que somente mais tarde o assumiria como filho legítimo “*do vigário de Campos que não me perfilhou, mas que toda a gente sabe que era meu pai*”⁶⁹.

No poema abaixo em que foi atribuída sua produção a década de 1870, sem possuir nenhuma data específica e que foi reunido no livro *ritmos selvagens* pela Academia Brasileira de Letras e publicado somente após sua morte mostra a visão pessimista sobre alguns integrantes da igreja católica.

Ele se diz interprete do divino
E sob a mascara de moral austera
Esconde a negra vocação de abutre
E os instintos sangrentos de pantera

Sombria como a noite, aquela fronte
E câmara fatal de atris horrores,
Onde o Mal prostitui as crenças puras
E esfolha da virtude as róseas flores

(...)

Ele derrama um filtro dos olhares
Fatal Veneno das palavras mansas
E muda os querubins em larvas feias
Junto do puro leite das crianças⁷⁰

69 PATROCINIO, J. Coluna do autor. *Gazeta da Tarde* Rio de Janeiro 29/05/1884. pág 2

70 PATROCINIO, J. C. *Ritmos Selvagens* – s/p

O primeiro fato que chama a atenção é o foco dado a figura do sacerdote, padre como alvo direto da crítica do poema. No decorrer das suas estrofes não é possível definir se a crítica seria atribuída ao padre ou mesmo à instituição igreja católica como um todo. O título de nome “o padre” pode apontar tanto para a função exercida por este, quanto para um praticante específico dessa. No próprio romance existe uma permanência em posicionar todos os sacerdotes como portadores de um mau caráter ou pelo menos pessoas que levantem dúvidas sobre seus respectivos passados e presentes.

Retornando a tensão principal e inicial do romance que gira em torno do relacionamento entre o Padre Paula e a jovem Eulália na ficção, existe algo de semelhante e que ocorria entre Maria Henriqueta e José do Patrocínio na realidade. Primeiramente uma possibilidade devido a idade, Patrocínio havia sido o professor da jovem e segundo a problemática em relação a sua de cor. Raimundo Magalhães relembra o fato da primeira descrição do padre valorizar a descrição do manto negro em forma de batina, o que poderia significar uma relação metonímica com a cor da pele de Patrocínio.

No romance é o que ocorre com o Vigário Paula, que comete inúmeros crimes como assassinato, por exemplo, e outras inúmeras ações inaceitáveis moralmente para a sua função de religioso. O mesmo ocorreria com o vigário antecessor a Paula, que ao engravidar outra moça a levaria a morte e a loucura do seu pai. No caminho em direção a capital em uma parada numa cidade intermediária, o Vigário Paula ainda se encontraria com outro religioso um quinquagenário de nome Belmiro que ao recebê-lo em sua igreja, demonstra uma grande afeição pela filha do antigo sacristão, antiga amante de Paula na cidade de B.V, a jovem Mundica que também se encontrava com a família retirante na cidade.

No desdobramento desta cena em dialogo do Padre com o comissário da cidade sobre a irmã mais nova de Mundica é proferida as seguintes frases:

- E, diga-me cá, a pequena, a Amarelinha também já terá a desgraça de ser como a irmã ?
- O comissário, fingindo não compreender a razão da pergunta respondeu

distraidamente:

- Homem, para lhe dizer a verdade, não sei; o que me parece é que ela não o é, porque não pôde; porem, mais dia menos dia ...
- É; em tempos de calamidade é muito difícil que a pobreza possa conserva-se pura. Lá diz o velho rifão: “Quando a necessidade bate pela porta da frente a virtude sai pela porta dos fundos”

(...)

Riram-se ambos e separaram-se”⁷¹

O autor coloca assim uma cena de possível prostituição da jovem sob os olhos tanto do padre quanto do comissário. É o mesmo que tanto de um lado quanto de outro o poder religioso e político não estarem interessados no bem estar de uma criança chegando ao extremo de ser risível pra ambos. Especificamente o último religioso, possuidor de uma posição hierárquica superior, no caso um Bispo encontrado pelo Vigário Paula já na capital Fortaleza parece ser uma amplificação das péssimas ações do que um personagem com autonomia de pensamento ético. Afastado da sociedade vivia em um palácio de portas sempre fechadas na praça central, e que quando finalmente Paula é recebido pela santidade, lhe é oferecido um banquete, que contrastaria com toda a pobreza estampada em praça publica dos retirantes que chegavam diariamente a cidade vindos do interior.

É no interior das igrejas ou de locais religiosos que o autor posiciona ao leitor as cenas de maior torpeza moral por parte dos integrantes do catolicismo. Basta dizer que no encontro do Vigário Paula com o padre da igreja local da cidade de Fortaleza este lhe conta como foi capaz de negar perante uma vitima de sua sedução que havia engravidado por tal ato. A narrativa do padre, após a ação de “emourou-se numa gargalhada soluçada”⁷² é sobre como foi a frieza em sua postura de negação perante “a mão sobre Cristo”⁷³ como lhe havia pedido a mãe da vitima, o religioso é capaz de dizer que jurava total inocência, o que acaba por levar a pobre jovem vitima a um desmaio com o choque da cena de algo profano em um solo considerado sagrado.

A construção do universo religioso criado por Patrocínio procura manter assim uma certa coerência em seus aspectos de mentalidade. Desde a primeira

⁷¹ PATROCINIO, J. *Os retirantes*. Pág. 63 vol. 2

⁷² ibid Vol 2 Pág. 268.

⁷³ Ibid ,vol 2. Pág. 269.

figura religiosa antecessora ao Vigário Paula até o último já na capital, todos são apresentados mediante características torpes. São formas de pensar, ou de interioridade presentes nesses personagens na qual a seca, não parece mudar mas sim, revelar e trazer à tona no desenvolvimento da narrativa. A figura de Paula chega a ser emblemática nesse sentido, pois o autor posiciona uma tensão interna entre um amor passiona! por Eulália e um desejo de vingança por Mundica que havia sido a principal causa da destruição da sua imagem na cidade de B.V..

A oscilação entre polos distintos de personalidade dos personagens centrais ocorrem durante todo o decorrer do romance mas que ao seu fim retornam as características psíquicas apresentadas em suas primeiras páginas. Essa parece ser a principal estratégia na composição dos personagens por parte José do Patrocínio o que permite criar situações de tensão em vários momentos da longa narrativa. Neste caso, pode-se ver desde o início o lado negativo do Padre Paula sendo mostrado ao leitor mas que durante a narrativa é levado a visualizar um outro lado passiona! por Eulália que o faz relativizar ou mesmo desconfiar de sua interpretação inicial, para ao final perceber que as deduções iniciais sobre o caráter do padre estavam corretas.

O mesmo acontece com a personagem de Eulália. Ao início é apresentada com uma jovem casta, que segue os valores familiares e é respeitada por suas ações perante a sociedade de B.V.. “Era ela dentre todas as moças da paróquia a mais pressurosa em socorrer os desgraçados; viam na todas como um anjo: com fé, com resignação, com amor”⁷⁴. Essa imagem inacessível e mesmo “santificada” da personagem é mantida por um outro caminho que remete à uma ideia de calvário e sofrimento que começa do momento de sua saída da cidade de B.V. Até sua morte na capital.

Para pensar essa questão podemos recorrer a ideia de fortuna e virtú como propostas por Maquiavel. No caso do romance, a personagem ao sair da cidade de B.V. Fugindo das ações do Vigário Paula e do julgamento moral da sociedade pelos seus atos, Eulália parte em direção a capital sem mesmo ter planejado a forma da viagem e muitos menos suplementos para a realização dessa. De decisão

74 Ibid vol I Pág 132

em punhos, o acaso ou fortuna funcionará como vilão e ajudante da jovem até o seu último momento da morte.

Mediante a fortuna do encontro com novos personagens é revelado o processo de criação de personagens de Patrocínio, que mostra uma ironia, entre a visão social do personagem e sua dimensão interna. Primeiramente pelo encontro de um grupo de ladrões, os famosos e temidos Viriatos que oferecem abrigo e proteção para Eulália. Dentro do grupo de ladrões, é detalhadamente mostrado como havia toda uma organização regida a partir de inúmeros preceitos e comportamentos éticos e morais. São personagens que quando mostrados em sua intimidade pelo narrador, por um lado não abandonam ávida de crimes, pois um deles chega a roubar Eulália sendo punido posteriormente, e por outro lado são capazes de mostrar laços de solidariedade que não poderiam ser imaginados para um grupo considerado fora da lei como aparece na visão apresentada pelos habitantes da cidade de B.V..

É graças a esse encontro que Eulália recebe uma quantia de um dos viriatos por ter lhe ajudado no passado. Esse valor será capaz de proporcionar uma viagem pelo sertão em relativa segurança até à capital se compararmos com a de outros personagens, como a de sua família formada por sua tia e sobrinhas. Porém ao acabar da quantia é que começa o período de maior sofrimento da personagem, quando ao encontrar com sua família na capital e pela necessidade de sustentá-la a personagem decide entrar para a prostituição. Como citado anteriormente, o maior impacto que a chegada de nordestinos ao Rio de Janeiro causava em Patrocínio era a perda de um sentimento moral, e a pior representação disso seria a prostituição das mulheres. No romance a partir do momento em que Eulália entra para esse mundo, a fortuna parece parar de lhe sorrir gradativamente. É o período em que a decadência da personagem parece não ter mais retorno ou possibilidade de salvação, sobretudo após o esforço de envio de sua família para fora do Ceará.

A cena da morte pode ainda ser apresentada como carregada de simbolismo. Ocorrida na praça pública da cidade a “alguns passos do palácio do governo”⁷⁵, deixa uma mensagem de que não seria a primeira e muito menos

75 Ibid vol 2 Pag 314

aparentava ser a última vítima da seca. É encontrada no corpo de Eulália a faca do assassinato perpetrado por Paula, a única prova de seu crime e que a personagem guardava sob a possibilidade de realizar uma última vingança. A ação de ser enterrada com a arma pode ser interpretada como se fosse depositada ali toda a memória do mal causado pelo padre e também a demonstração de um ar de impunidade. Como últimas palavras do texto, são posicionadas as notícias que haviam saído no dia seguinte com os dizeres.

“A cidade de ... recebe no seu novo vigário um digno apóstolo da religião do Calvário. Prouvera a Deus que sempre a nossa fé tivesse como órgãos homens iguais: a moralidade e a caridade reinariam eternamente sobre o mundo”⁷⁶

Ao leitor de Patrocínio ficaria à mensagem que o mal causado pelo Padre Paula, seria nada mais que apagado frente a uma imagem de “interprete de Deus”. Palavras que foram utilizadas pelo autor em poema citado anteriormente. O máximo que ocorreria seria uma mudança de cidade, ou seja, a transferência do problema do que o seu efetivo conserto.

5

Conclusão

As conclusões que se chegam ao fim desse texto podem ser descritas nos seguintes temas. Primeiramente a ideia de natureza é uma presença instável, capaz de ser boa ou traiçoeira, mas não em si capaz de ser a única causa da crise humanitária descrita no romance. No caso de personagens centrais durante todo o percurso que realizam de B.V., até a capital Fortaleza é oferecida uma resistência psíquica as ações da natureza. Assim surge um distanciamento do par natureza indivíduo em confrontação com o romantismo. Nos personagens românticos a natureza aparece integrada, enquanto que no romance de Patrocínio, ambos se enfrentam e se distanciam.

A moral dos personagens não necessariamente pode ser mantida do início ao fim do percurso, ou seja, os personagens cometem alguns desvios morais por, mas mantém certa interioridade. Eulália é um exemplo desse tipo de personagem. Mesmo se prostituindo é mantida certa moral interna na personagem. É como se José do Patrocínio dissesse que as perdas, no caso, da moral de si, pode ser mantidas por um viés interno. No caso de Eulália como prostituta ela é capaz de remeter ainda a um grau de nobreza, pois todo o dinheiro ganho seria revertido para o sustento de sua família, o que a torna uma espécie de martim. Ao lado disso é mantido certo sentimento de vingança como vemos na última cena em que é encontrada uma faca junto ao cadáver de Eulália que poderia incriminar a figura do Vigário Paula como assassino.

A presença da morte no caso de alguns personagens no romance não significa uma vitória da maldade na representação da natureza, mas sim, a demonstração de controle de si até os últimos momentos. É o que acontece com Ana, que na estrada se nega a deixar para trás duas crianças pequenas que poderiam levar a custar sua própria vida. Assim é possível aproximar os personagens de José do Patrocínio do que observamos dentro do período romântico em relação à construção de personagens com um grau de heroicidade, de possuírem algo acima da própria vida. Porém se pensamos no critério de visão sobre a natureza justamente encontraremos o maior ponto de discordância. Nos retirantes a natureza não perdoa nenhuma situação. É um adversário que

constantemente testa os personagens.

A imagem do interior não é mais a mesma idealizada pelo romantismo. A seca passaria a ser observada como uma metáfora para o sertão nordestino. Algumas imagens criadas sobre a fome, o emigrante, e também sobre certos traços culturais parecem ter virado um espaço comum na literatura sobre o nordeste.

Por fim o livro não revela somente tensões capazes de prender o leitor. Ele vai além, utilizando-se de inúmeros artifícios que para discutir outros temas, como a situação política do império e o papel da igreja. Se a literatura do romantismo formou um público de leitores em seu sentido de fornecer imagens do Brasil, o que Patrocínio quer mostrar é justamente outra possibilidade de imagem e através dela retocar o imaginário dos leitores. É como se o livro fosse um chamado a participar de algo que ainda estava em gestação no campo das ideias, mas que apareceria na prática na década advir.

Referências Bibliográficas:

ABREU, Maurício. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Iplanrio/Zahar, 1988.

ALENCAR, José. **O sertanejo**. Disponível em www.gutenberg.com. Acessado em 28/02/2011

ALONSO, Ângela. **Idéias em movimento**. SP: Paz e Terra, 2002

ALVES, Uelinton Farias. **José do Patrocínio : a imorredoura cor do bronze**. Rio de Janeiro: Garamond 2009

ARAUJO, Valdei Lopes de. **A experiência do tempo. Conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)**. SP: Hucitec, 2008.

ASIS, Machado de (tradutor). HÉNAUX, Victor. **Queda que as mulheres têm para os tolos**. Campinas: Edunicamp, 2008.

BAPTISTA, Abel Barros. **A formação do nome. Duas interrogações sobre Machado de Assis**. Campinas: Edunicamp, 2003.

BAREL, Ana Beatriz Demarchi. **Um romantismo a oeste**. Modelo francês, identidade nacional. SP: AnnaBlume, 2002.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. **A ilustração brasileira e a idéia de universidade**. SP: Edusp/Convívio, 1986.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. **In Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221 .

BRASIL, Lei 179 **Constituição do Império do Brasil de 1824**, acessada em 10/02 2012 . Disponível em www.stf.gov.br

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil em 1900**. RJ: José Olympio, 1975

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira** /. 2. ed. rev. São Paulo: Martins, 1964. 2v.

CARVALHO, José Murilo. *Com os lábios nas mãos*, in O abolicionismo disponível <http://livros.universia.com.br> . Acessado em 10/01/2011.

CESAR, Guilhermino (org.). Historiadores e críticos do romantismo. 1. **A contribuição européia: crítica e história literária**. SP/RJ: Edusp/LTC, 1978.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia : a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre : UFRGS, 2002.

COUTINHO, Afrânio (org.). **Caminhos do pensamento crítico**. Vol 1. RJ: Pallas, 1980

CRUZ COSTA, João. **Contribuição à história da idéias no Brasil**. RJ: Civilização Brasileira, 1967

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. Puc-Rio, 2010 pág. 46

HAESBART, Rogério. **“Da desterritorialização à multiterritorialidade ”** in Anais X do encontro de geógrafos da América Latina, 2007.

JOBIM, José Luis (org.). **Introdução ao romantismo**. RJ: Eduerj, 1999.

KARASCH, Mary, *Vida dos escravos no Rio de Janeiro. 1808-1850 . Rio de Janeiro, 1996*

LECIONI, Sandra *Osevações sobre o conceito de cidade e urbano in GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 24, pp. 109 - 123, 2008 disponível em http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp24/Artigo_Sandra.pdf*

LIMA, Luís Costa, *O fingidor e o Censor no ancien régime, no iluminismo e hoje*. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 1988.

LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos; A guerra dos jornalistas na independência*. São Paulo: Cia das letras, 2000.

MACHADO NETO, Antônio Luis. **Estrutura social da república das letras. Sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930**. SP: Grijalbo, 1973.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **A vida turbulenta de José do Patrocínio**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969

MATTOS, Ilmar. *O tempo saquarema: A formação do estado imperial, Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Hucitec, 2002

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Cientificismo e sensibilidade romântica. Em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX**. Brasília: EdUNB, 2004.

PATROCINIO, José. **Os Retirantes**, 2 vs., São Paulo: Editora Três, 1973

_____. **Motta Coqueiro ou a pena de morte**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves/SEEC, 1977

_____. **Minha vida**. A notícia: Rio de Janeiro. 4/04/1904. pág 4.

_____. *S/T in Ritmos Selvagens*. s/e. 187_.

_____. **Coluna do autor**. Gazeta da Tarde. Rio de Janeiro. 29/05/1884.

_____. **S/T O Paiz**. Rio de Janeiro. 11/06/1888. pág 2

_____. **Memória a Tiradentes** Jornal a Republica Tio de Janeiro 22/04/1871.

_____. **Coluna A viagem** Jornal O Besouro, Rio de Janeiro, 04.05.1878

_____. **Viagem ao norte**. Rio de Janeiro. Gazeta de Noticias 20 /07/1878. pág.1

_____. **Viagem ao norte**. O Besouro, Rio de Janeiro, 04.05.1878. pág 2

_____. **Coluna do autor**. Gazeta da Tarde Rio de Janeiro 29/05/1884.

ORICO, Osvaldo. **O tigre da Abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vira e mexe nacionalismo. Paradoxos do nacionalismo literário**. SP: Cia das Letras, 2007.

PLATÃO, A **república**. Coleção Pensadores, São Paulo. 1963

RENAN, Ernest, **o que é uma nação** in ROUNET, Maria Helena (org.). Nacionalidade me questão. Caderno da Pós/Letras 19. RJ: Uerj, 1997.

ROMERO, Sílvio. Machado de Assis. **Estudo comparativo de literatura brasileira**. Campinas: Edunicamp, 1992.

RICUPERO, Bernardo. **O romantismo e a idéia de nação no Brasil (1830-1870)**. SP: Martins Fontes, 2004.

SENA, Ernesto. *Rascunho e Perfis*, 2^a ed., Brasília: UNB, 1983,

SODRÊ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1966

SOUZA, Marcelo José de Lopes de “**O território sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**” in: Geografia: Conceitos e temas, CASTRO, I; GOMES, P ; CORRÊA, R (Orgs). Rio de Janeiro: Bertlhand brasil, 1995

SEVCENKO, Nicolau *Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

THEOPHILO, Rodolpho, **História da Secca do Ceará (1877-1880)**, Rio de Janeiro, Imprensa Inglesa, 1922; in Tempo, Niterói, v. 5, nº 9, 2000, p. 93-111.